

JAN/FEV — 1971 — ANO IV — N.º 31

CONVERGÊNCIA



CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara.

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Redator-Chefe:
Luiz Mascarenhas Neto

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Enderêço telegráfico: Conferência
Rio

Assinatura para 1971:

Brasil	Cr\$	25,00
Exterior	US\$	10,00
Avulso	Cr\$	2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda, rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda. rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

Nossa capa:

Dom Aloísio Lorscheider, Bispo de Santo Ângelo, RS, Presidente da CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

SUMÁRIO

EDITORIAL 1

A NOVA CNBB 2

FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA RENOVADA NA AMÉRICA LATINA 4

O processo de formação se renovará à medida em que houver:

- mais autenticidade nas decisões;
- mais respeito à evolução pessoal;
- mais realismo na inserção da ordem religiosa;
- mais presença e menos ausência.

POBREZA E VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA 11

A transformação da realidade social exige:

- ◆ abandonar a sombra protetora das minorias privilegiadas;
- ◆ eliminar tudo o que separa ou obstaculiza o serviço fraterno;
- ◆ mergulhar-se na vida pobre; ◆ colocar-se do lado dos mais fracos e dos menos favorecidos.

MOVIMENTO DA CASA DE ORAÇÃO 17

COMUNIDADE RELIGIOSA E AMBIENTE 21

Vida comunitária numa casa religiosa requer convivência com os irmãos do ambiente. Onde se exige um mínimo de conhecimento: ◆ do homem moderno; ◆ do religioso moderno; ◆ da comunidade humana moderna.

IGREJA NO MUNDO 25

- Declaração dos Bispos do Chile
- Pastoral da Amazônia
- Perseguição dos religiosos na Tchecoslováquia
- Novo método missionário: conviver
- Assembléia Regional dos Superiores Maiores
- Reunião da Junta Diretiva da CLAR

ESTANTE DE LIVROS: Construindo o Brasil,
Educação Moral, Cívica e Política 32
A primeira condição para descansar bem
é ter trabalhado bem.



EDITORIAL

Com o auxílio do Senhor, pomos em suas mãos o primeiro número deste ano. Por causa das ocorrências da CRB, no final de 1970, a redação de CONVERGÊNCIA ficou em atraso. Mas a revista foi sempre uma das prioridades e, em momento algum, foi esquecida pela Diretoria e pelo Executivo Nacionais; isso por ser um dos veículos fundamentais da promoção da VR. Dentro da programação, os leitores de CONVERGÊNCIA não de receber, até final de julho, todos os números em atraso. Pedimos-lhe compreensão para o "reajustamento".

Quanto ao conteúdo da revista, continua, obviamente, sendo a VR. A preocupação é mostrar, com objetividade, o valor da vida consagrada, os modos pluriformes em que se concretiza, dentro de uma Igreja em renovação. A VR, como manifestação de um aspecto eclesial visível, deve ser vivificada pela única fonte evangélica, em busca do testemunho sempre atual e corajoso do Cristo.

Para ser fiel ao Evangelho a VR busca caminhos, orientação. Espelhando-se nêle, os religiosos precisam rever suas vidas, sua integração na Igreja.

Nesta caminhada CONVERGÊNCIA quer ser, também em 1971, um ponto de referência, um apoio para maior definição do ideal religioso. Temos certeza que os leitores vão apreciar a programação.

Neste número apresentaremos quatro trabalhos maio-

res: o primeiro do **Pe. J. Libânio**, comentando o Documento da CLAR sobre **Formação**, assunto que preocupa a todos. Trata-se de uma introdução ao Doc., clarificando e aprofundando temas dentro do contexto latino-americano. **Frei Cláudio van Balen** comenta o Documento sobre a **Pobreza**, matéria, sem dúvida muito estudada, mas ainda não definida satisfatoriamente. O que significa ser religioso pobre? Os estudos destes dois teólogos nos abrem perspectivas.

Movimento da Casa de Oração, pela **Ir. Maher**, nos lembra um tema muito rico e controvertido. Precisamos rezar. Como? O que o homem e a mulher de hoje anseiam no diálogo com o Senhor? As experiências das Casas de Oração tem algo a nos questionar e entusiasmar. Um bispo religioso, **D. José Cornelis**, nos fala da **Comunidade Religiosa e Ambiente**. Somos parte integrante da comunidade humana. A vida religiosa deverá ter a capacidade de nos integrar mais profundamente entre nossos irmãos. Como poderá acontecer? Há limitações e riscos? Também riquezas.

A **Igreja no Mundo** nos dará vários testemunhos de trabalhos, sofrimentos, esperanças e muito amor de religiosos e religiosas pela vida da Igreja.

Certos da bênção do Senhor para nossos esforços em bem da VR, confiamos também muito no seu apoio.

Frei Constâncio Nogara

A NOVA CNBB



Dom Ivo Lorscheiter
Secretário Geral da CNBB

Introdução

O mês de fevereiro de 1971 assinala o início de uma nova fase na vida da CNBB. Fundada em 1952, bem antes das recomendações do Concílio Vaticano II, a CNBB acumulou benemerências notáveis na renovação da Igreja no Brasil. Porém, a experiência de quase 20 anos aconselhava certas mudanças, — que agora, na XII.^a Assembleia Geral foram consubstanciadas no novo Estatuto Canônico (aprovado pela Santa Sé por 5 anos), no novo Regimento Interno e no novo Estatuto Civil da Conferência.

A seguir, tentaremos sublinhar os principais aspectos de novidade, agora introduzidos na organização da CNBB.

1. Melhor explicitação de objetivos

Segundo o Estatuto anterior, cabia à CNBB “estudar problemas de interesse da Igreja... apresentar normas, aprovar e coordenar medidas que facilitassem e promovessem a uni-

dade e a atualização da pastoral”. O novo Estatuto acrescenta explicitamente dois outros objetivos importantes: “manifestar solicitude pela Igreja universal... e cuidar do relacionamento com os poderes públicos”.

2. Maior agilidade

Será forçosamente complexo o funcionamento de uma instituição que congrega 250 Bispos e múltiplos órgãos constitutivos

O novo Estatuto procura assegurar agilidade às diversas instâncias da Conferência. Assim, a **Presidência**, de três membros (Presidente, Vice-Presidente e Secretário Geral), se reúne facilmente e tem mais amplas atribuições; e mesmo quando deve deliberar em conjunto com os seis Bispos da **Comissão de Pastoral**, é ainda um órgão muito mais ágil do que a antiga Comissão Central. Por sua vez, o novo órgão chamado **Comissão Representativa**, é uma espécie de mini-assembleia, com a tarefa de tratar de

assuntos urgentes, nos intervalos entre as assembleias gerais. Esta Comissão Representativa, compreendendo delegados das diversas regiões, na proporção de um para dez Bispos residentes, substitui, em certo sentido, a Assembleia Geral, necessariamente dispendiosa e, por isso, ordinariamente convocada só de dois em dois anos.

3. Mais consciente participação

Para urgir a presença nas assembleias e propiciar deliberações mais significativas, o novo Estatuto extinguiu a votação por representante, cabendo voz e voto deliberativo somente aos membros pessoalmente presentes.

4. Maior organicidade pastoral

Imensos méritos alcançaram os 13 Secretários Nacionais (do Ministério Hierárquico, dos Leigos, da Catequese etc), promovendo a ação pastoral nos seus setores especializados. Porém,

esses Secretários pareceram demasiadamente autônomos, gerando perigo de serem paralelos entre si e independentes de uma coordenação geral; poderia, então, ter-se uma pastoral "de conjunto" não suficientemente "orgânica". Foram extintos esses Secretariados. Em seu lugar, foi constituída uma Comissão de Pastoral (de 6 Bispos) e um Conselho Pastoral (de número indeterminado de Bispos, presbíteros, religiosos e leigos).

A Comissão Episcopal de Pastoral é órgão executivo que, em forma colegiada, coordena as linhas de ação pastoral. O Conselho Pastoral é órgão de natureza consultiva e visa a dar ao estudo dos problemas pastorais uma adequada amplidão e representatividade. Em ambos os organismos deverá estar presente o Secretário Geral, para assegurar a necessária unidade e comunicação.

5. **Maior integração de todo o Povo de Deus**

Embora a CNBB seja a Conferência dos Bispos e não do Povo de Deus no Brasil, quer o novo Estatuto propiciar maior participação de todos os quadros da Igreja na vida e nos trabalhos da Conferência, e

isso não só no nível da execução de tarefas, mas também no nível dos estudos e das decisões. Para isto deverá servir o já mencionado Conselho Pastoral Nacional, que terá atribuições análogas às que competem ao Conselho Pastoral Diocesano. Para isso deverá servir também a Comissão do Clero (a Santa Sé não achou oportuno falar-se em Conselho Nacional de Presbíteros), constituída de Presbíteros eleitos nas diversas regiões e incumbida de relevantes atribuições, de acordo com o art. 27:

"a) por iniciativa própria, encaminhar à Comissão Representativa ou à Presidência os assuntos que, a juízo das Comissões do Clero regionais, convém sejam tratados em âmbito nacional, e opinar sobre a pauta das Assembléias Gerais;

b) levar à Assembléia Geral, ou a outros órgãos da... CNBB, sugestões relativas à vida e ao ministério dos presbíteros;

c) transmitir às Comissões do Clero regionais as solicitações de estudo e fomentar a conveniente aplicação das normas de ação traçadas pela Assembléia Geral e por órgãos da CNBB".

6. **Maior autonomia das regiões**

Pelo novo Estatuto se declara uma grande autonomia das 14 regiões pastorais em que se divide o País. Cada região poderá "definir a própria organização e as normas de seu funcionamento" (art. 15, parágrafo único); a própria nomenclatura de órgãos e encargos não será necessariamente uniforme. No campo jurídico-civil é também facultativo para as regiões filiar-se ou não à entidade nacional. Com essa descentralização, que evidentemente não deverá prejudicar a unidade de objetivos e de espírito, se quer suscitar a necessária criatividade e adaptação às situações regionais.

Conclusão

No momento está sendo implantada esta nova estrutura da CNBB. Esperamos que, expirado o inevitável prazo de transição, possamos entrar num novo e intenso ritmo de planejamento e atuação pastoral, para que a Igreja no Brasil prossiga a sua jornada corajosa, de contínua renovação e de eficiente evangelização.



Nem todos compreendem a profundidade e a amplidão da paz de Cristo, isto é, a participação de todos no desenvolvimento global. **Carta da CNBB a Dom Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo.**

Reduzir a evangelização ao simples anúncio de verdades dogmáticas e de orientações morais e espirituais é, para nós, tão inaceitável quanto fazer da evangelização um mero programa social, político ou cultural. **Documento da CNBB, Belo Horizonte.**

A Igreja está preocupada com a realidade atual do país. Busca diretrizes para seu futuro com a dinamização da atuação do clero e da comunidade, sem conotação política, apesar da participação engajada na realidade, que visa a conduzir os homens a uma evolução complexa, com roteiros fixos e valores permanentes. **Cardeal Vicente Scherer.**

Apresentamos a seguir dois comentários aos documentos da Confederação Latino Americana de Religiosos (CLAR): Formação para a vida religiosa na América Latina e Pobreza e vida religiosa na América Latina. Os documentos são fruto de quase dois anos de estudos por todas as Conferências latino-americanas, e de uma prolongada Assembléia da CLAR, realizada em Santiago do Chile, nos dias 3 e 15 de dezembro de 1969. São portanto o fruto de numerosos grupos de especialistas, que buscaram refletir uma teologia atualizada dentro da realidade sul-americana. Os documentos foram traduzidos pela CRB e se encontram à venda em todas as Regionais. Os documentos serão também objeto de estudo na Assembléia Nacional da CRB, em julho próximo. Para este número pedimos a dois conceituados teólogos, fizessem para nossos leitores uma apresentação-comentário sobre os dois textos. Lendo-os, busquemos comprovar as afirmações no texto original, o que contribuirá para uma maior relação de nossa vida religiosa.

J. B. Libânio

O processo de formação se renovará à medida em que houver:

mais autenticidade nas decisões,
mais respeito à evolução pessoal,
mais realismo na inserção
da ordem religiosa,
mais presença e menos ausência.

Nesta época pós-conciliar de renovação dos Institutos religiosos tem havido inúmeros capítulos gerais, donde tem saído muitas reflexões interessantes sobre a vida religiosa. Mas no meio de tanta documentação, outros tipos de reflexão teológica sobre tal tema podem passar

A inquietude dos jovens que buscam a vida religiosa obriga-nos a uma reflexão séria sobre a formação que se lhes deve dar.

Hoje os educadores se sentem inseguros.

Sabem mais como não devem levar uma casa de formação do que como dirigi-la.

Tal situação de incerteza tem trazido um desejo de renovação e uma busca em comum.

FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA RENOVADA NA AMÉRICA LATINA

despercebidos. Assim a CLAR editou os documentos aprovados pela IV Assembléia Geral, realizada no Chile, em dezembro de 1969, sob o título: **Formación para la vida religiosa en América Latina.**

Trata-se de uma reflexão sobre a vida religiosa dentro do contexto cultural, sócio-político, econômico da América Latina. Ainda que os diversos países sejam bastante diferentes entre si, seria simplismo querer unificar toda a situação da América Latina dentro das mesmas coordenadas, contudo o documento procura indicar alguns elementos comuns a esta situação.

Num mundo de mudanças profundas, totais, urgentes, constantes, ambivalentes, a América Latina se apresenta com quadro social de opressão e de miséria, de marginalidade sócio-econômica, política, cultural, racial, religiosa, tanto urbana como rural. A gravidade e intensidade de tais problemas variam muito, mas há um fundo comum. É neste contexto social que se estuda a vida religiosa.

Ela é apresentada, em perspectiva sacramental, quer no seu aspecto de continuidade em relação ao batismo — como dom gratuito de Deus, como resposta do homem e como engajamento apostólico — quer no aspecto de novidade, consagração peculiar que se manifesta por um seguimento de Cristo mais de perto quanto à forma de vida e quer no aspecto escatológico da vida religiosa.

O diálogo leva a soluções viáveis

A inquietude dos jovens, que buscam a vida religiosa e que recebem freqüentemente formação inadequada, obriga-nos a uma reflexão séria sobre a formação que se lhes deve dar. Aquêlê estilo de grandes casas de formação, onde o desenvolvimento da personalidade era, não raras vezes, atrofiado por causa do processo de massificação e de regime de prescrições pormenorizadas, não podem continuar. Hoje os educadores se sentem inseguros, porque sabem mais como não devem levar uma casa de formação do que como dirigi-la. Tal situação de incerteza tem trazido como positivo, um desejo de renovação e uma busca em comum dos educadores, que, de diversos institutos e lugares, se têm reunido para estudar tais problemas. Realmente devemos aproveitar êste momento em que o antigo sistema de formação entrou em colapso, mais que nunca, para refletirmos juntos em busca de soluções novas, originais, que não sejam cópias e importações do estrangeiro. Maior é o perigo quando se considera que as congregações religiosas têm, na sua maioria, os centros de decisões, em casas generalícias, situadas no estrangeiro, nem sempre com conhecimento suficiente da situação latino-americana. Como ninguém hoje pode arrogar-se a ousadia de possuir as linhas exatas para a formação da nova geração, somente o diálogo entre os formadores, em diferentes níveis, pode levá-los a encontrar soluções viáveis, em reuniões eficientes e planejadas.

Renovação pela presença

Em todo êste trabalho de reflexão, não se pode esquecer a longa tradição da vida religiosa na Igreja e só a partir daí buscar novas formas de expressão dentro dos atuais contextos sócio-culturais de nosso Continente. Os jovens terão,



PARA REFLEXÃO

então, que receber êstes valores da vida religiosa a fim de que, assumindo-os, pessoalmente, possam vivê-los em forma nova e original, tanto individual como comunitariamente.

Importante, portanto, que a formação do jovem religioso não seja obra somente dos encarregados imediatos da formação, mas de toda a comunidade provincial, pois só assim o jovem terá a imagem mais completa do valor evangélico, que é sempre comunitário e mais amplo que os indivíduos que o encarnam. Além disso se quebra aquela imagem mística do mestre de noviços, com conseqüências negativas para o desenvolvimento humano e religioso do candidato. Não se quer excluir que haja uma equipe de formadores mais dedicados aos jovens formandos. Antes, pelo contrário, os valores evangélicos da vida religiosa só serão percebidos pelos jovens, se fôrem testemunhados na vida daqueles que os formam, transmitindo-os pela osmose do convívio comunitário. Contudo, atenção para o perigo de transformar a vida religiosa em puro processo de auto-conservação, empenhando o seu **brain trust** exclusivamente para o cuidado do sustento do instituto, à semelhança de uma economia patriarcal de subdesenvolvimento.

A formação do religioso pode ser chamada de processo de aculturação, se entendemos por cultura tudo aquilo que aperfeiçoa e desenvolve o homem, em tôdas as suas dimensões (**Gaudium et Spes**, n.º 53). Todo êste processo leva o formando a uma assimilação de valores e modos de viver próprios de sua congregação por meio de uma valorização da riqueza humana do candidato. Neste processo o formando é o principal agente e não sujeito passivo.

O processo de formação se renovará à medida em que houver mais autenticidade nas decisões dos formandos, mais respeito à evolução pessoal, mais realismo na inserção da vida religiosa dentro do contexto atual do mundo, evitando separações artificiais e alienantes. Por

isso faz-se mister, então, que haja presença e não separação. Presença dos noviços entre os professos, presença entre os homens, presença nas circunstâncias reais da vida, onde se podem experimentar as verdadeiras formas de trabalho e pobreza, presença nos acontecimentos e problemas do desenvolvimento cultural do país, presença entre os jovens de seu tempo, presença na vida da Igreja local, presença no mundo latino-americano.

A formação do religioso deve levá-lo a uma vida de fraternidade em vista de sua missão apostólica.

Vida de fraternidade

O aspecto da formação na fraternidade mereceu do documento consideração ampla, devido à sua sempre crescente importância. A primeira exigência fundamental é profunda renovação da vida comunitária, em vista de criar verdadeiras fraternidades, que sejam realmente evangélicas e não pura camaradagem. Pode-se pensar em duplo trabalho:

Renovação das atuais formas de vida comunitária eliminando os elementos de contra-testemunho evangélico.

E, criação de novas formas de vida comunitária.

Para ambas, exige-se adequada formação, não só dos jovens, mas também dos mesmos formadores e das gerações anteriores. Não se pode esquecer de que, atualmente, há verdadeiras tensões e problemas a respeito das experiências de comunidade. Tensão entre fraternidade evangélica e grupos de amizade; tensão entre vida comunitária religiosa e comunidade humana; problema de integração dos elementos como trabalho, oração, amizade, no seio das comunidades, pois existem as que se transformam em pura equipe de trabalho, fazendo de seus membros, peças dentro da grande engrenagem apostólica, sem verdadeira vida de comunidade, ou assumem trabalhos apostólicos que não permitem vida comunitária. Tensão entre comunidade e autoridade-obediência; tensão entre tipo de vida de comunidade nas casas de formação e o que se viverá mais tarde; tensão entre as gerações; tensão entre as instituições fixas e as novas formas que surgem, tensão entre os próprios membros, por causa da diversidade de nível cultural, nacionalidade; tensão entre centralização e descentralização; tensão entre as grandes comunidades que continuam e as pequenas que surgem.

A realidade comunitária encontra a sua raiz no próprio sentido comunitário do homem. Sobretudo depois que as ciências humanas avançaram no campo de suas reflexões e o aspecto social e comunitário do homem foi colocado em relevo, a problemática da vida comunitária nas

congregações religiosas se tornou mais aguda. O homem se sente hoje mais do que nunca como um ser chamado a viver e realizar-se em comunhão com os demais e encontra sua plena realização na entrega sincera de si mesmo aos outros. Portanto, o desenvolvimento de sua personalidade e sua vida comunitária estão em íntima relação.

Surgem tensões, frustrações graves, quando a carência de vida comunitária afeta o desenvolvimento de sua personalidade. O homem encontra, na raiz desta sua tendência profunda a uma realização dentro da comunidade, o plano de um Deus trino, que também vive numa comunidade inefável e que criou os homens para viverem em paz, em fraternidade, em comunhão com seus irmãos, desde a célula mais pequena da família até a comunidade final, total, escatológica.

Deus, em seu plano, quis que houvesse na Terra um grupo de homens que testemunhassem publicamente o caráter comunitário da salvação e formassem assim a Igreja. Ela é o sacramento salvífico desta íntima unidade de todos os homens. Para significá-la de modo concreto e realizá-la de modo admirável, a Igreja celebra cada dia a Eucaristia. Esta comunidade eclesial é a comunidade da eleição divina e tem na sua raiz uma atitude de fé. No interior desta comunidade eclesial, os religiosos procuram viver, no agora da vida eclesial, a plena realização comunitária escatológica, através de sua consagração cristã específica. Para que possam viver esta vida comunitária, procuram superar os impecilhos que obstaculam a fraternidade entre os homens e buscam dar testemunho de verdadeira comunidade evangélica. Assim devem ser instrumento eclesial, particularmente eficaz na fraternização entre os homens, porque devem abrir-se para o ambiente humano que os rodeia a fim de irradiar a caridade, participando da libertação do povo oprimido, máxime pela promoção dos valores fundamentais do homem e do mundo, em vista da construção da comunidade humana.

A fraternidade das comunidades religiosas deve ser operante no sentido de luta contra as injustiças, que impedem a fraternidade humana, sobretudo na América Latina. A fraternidade da vida religiosa se distingue de outras realidades coletivas por causa de seu vínculo comum com Cristo, que faz existir amizade autêntica e madura, mesmo onde há elementos de renúncia, sofrimento. Vivendo o amor, vive-se o sinal por excelência da presença de Cristo.

Este espírito de fraternidade evangélica tem a força de provocar a renovação na vida comunitária dos religiosos, fazendo que se achem as novas formas adaptadas às circunstâncias atuais. Os nossos jovens devem ser formados para poderem viver esta fraternidade evangélica.

ca, através de uma comunhão de vida com seus irmãos, através da participação dos bens materiais, bem pessoais de graça, de fé, de amor, de serviço, de oração e de riqueza espiritual superando formalismos, artificialismos, moldes prefabricados.

A comunidade de vida já encontra em si mesma razão de ser, mas muitas vezes ela surge de uma comunidade de trabalho. A urgência pastoral ou outras razões podem levar a construir tais comunidades de religiosos não só do mesmo instituto mas também de diferentes. A comunidade de vida se alimenta de uma comunhão de oração, de culto e, sobretudo, na celebração da eucaristia. Ela deve ajudar o religioso a desenvolver os próprios talentos e carismas pessoais, em harmonia com a vida comunitária.

As pequenas comunidades têm sido para muitos religiosos uma experiência que os ajuda viver uma vida fraterna mais real, experimentando as riquezas e renúncias de tal realidade. Tais experiências necessitam ser preparadas, acompanhadas e recebidas com compreensão e apoio por toda a província. Morando em pequenas ou grandes comunidades, o religioso deve tomar consciência de que vive diferentes níveis de comunidade, conforme os grupos e as pessoas com quem se relaciona. Mas nenhum compromisso comunitário deveria fechá-lo; antes, abri-lo para todos os demais.

Vida apostólica

O fenômeno sempre crescente de secularização trouxe questionamento radical das formas tradicionais de apostolado, que até então eram praticadas na Igreja. Diante desta nova situação criada sobretudo pelos fatores do desenvolvimento da técnica e pelo processo de urbanização, os religiosos, especialmente os mais jovens, sentem profunda insatisfação, até mesmo angústia, pela sua falta de preparação apostólica, faltando-lhes visão clara e profunda de seu papel apostólico, máxime em confronto com o leigo, sendo tentados a ver o apostolado leigo como mais encarnado e eficaz e o próprio como inútil, não sabendo como realizar os carismas pessoais, dentro de formas tradicionais. São problemas que parecem claros, mas cujas soluções não estão no horizonte.

Acresce ainda a dificuldade de não encontrar pessoas de visão que possam orientá-los em suas experiências novas. Daí, crise de desânimo, de revolta, de oposição às gerações mais velhas. Com isto toda uma riqueza de doação, de autenticidade, de desejo de comunhão fraterna, de vontade de participar na construção do mundo, se perde, não se sabendo como canalizá-lo.

Para o apostolado, apresenta o documento a fundamentação tradicional, fazendo derivar tô-



PARA REFLEXÃO

da atividade apostólica da missão salvífica da Igreja. Todos somos responsáveis por esta missão, por causa de nossa união à Igreja pelos sacramentos do batismo e da confirmação. E os religiosos por sua consagração à Igreja se unem de modo especial a ela. A missão comum de todo cristão de procurar renovar cristãmente as estruturas do mundo, o religioso presta serviço especial e próprio, por contínua referência ao reino de Deus, sendo então fonte inspiradora para seus irmãos leigos. Assim, a vida apostólica do religioso deve manifestar mais claramente um testemunho de fé nos valores absolutos do reino inaugurado pela páscoa de Cristo, de esperança na consumação deste reino que suscita a construção de um mundo mais justo e fraterno e de caridade pela irradiação do amor fraterno como realidade e sinal do reino.

Toda a tarefa de promoção humana se coloca numa linha de evangelização, seja através de uma explicitação do Cristo, seja por verdadeira ação de libertação do homem. Cabe, contudo, uma reflexão séria por parte de todos os religiosos para ver se suas atividades de promoção humana não são para reforçar estruturas injustas, transformando explorados em exploradores e não para libertar os explorados para verdadeiro sentido humano de serviço a seus irmãos menos favorecidos. Por isso, uma análise de contexto global da situação, evitando ingenuidades e primarismos, coloca-nos diante da seriedade das tarefas de promoção humana. Para tal missão apostólica, o religioso necessita de formação realista, que parta do próprio formando, de suas qualidades, de seu compromisso livre e na fé com a missão da Igreja, através de engajamentos progressivos ao longo de sua formação.

Esta formação, que, se de um lado não descuida todos os aspectos da valorização das qualidades humanas do formando, levando-o à

maturidade humana, à visão real do mundo e das exigências pastorais de seu ambiente, ao desejo de entrega, deverá ser cristã, fornecendo-lhe conhecimento dos ensinamentos oficiais da Igreja, no campo da formação apostólica, preparando-o para verdadeira inserção nos planos de pastoral regionais e nacionais e para utilização inteligente das técnicas modernas de comunicação.

Vida de oração

Num mundo, em que a oração se torna difícil, e parece que ocupa menos lugar, por toda uma série de razões, de ordem teológica, filosófica, sociológica, cabe atenção especial a tal problema. O ponto de partida para uma redescoberta do valor teológico-espiritual da oração, é uma reflexão mais aprofundada da oração como ato do povo de Deus. Ela tem a tarefa de manifestar duplo movimento: **descendente**, o amor salvífico de Deus Pai a todos nós; e **ascendente**, elevação a Deus de todos os nossos desejos. Por ela os religiosos tem um ministério de santificação do mundo.

Além disso, a oração tem um caráter teologal, fraternal e comunitário.

A oração é eminentemente teologal, no sentido de que é diálogo com Deus pai. Os apóstolos foram iniciados na oração por Cristo, que os introduziu na proximidade do Pai, de quem ele era a mais perfeita e plena manifestação. Assim para cada cristão, a oração é contato com Deus Pai, que se lhe faz presente na fé. Oração é um ouvir a palavra de Deus sobre nós, procurando descobrir os planos de Deus na vida. A palavra de Deus soa na interioridade de nosso coração, enriquecendo pelos dons da fé, esperança e caridade.

Além deste caráter eminentemente teologal, a oração é também compromisso com nossos irmãos. A oração de Cristo era a expressão de sua fraternidade com os homens. Assim a nossa oração nos vincula aos nossos irmãos homens. Oração que não fôsse expressão de nossa entrega fraterna e não nos levasse a ela, seria estéril e vazia. Ação que se desligasse da oração seria despersonalizante. Oração e ação se conjugam intimamente. A entrega não é ativismo vazio, como a oração não é fuga dos imperativos da caridade fraterna.

Esta oração teologal e fraterna é pessoal e comunitária. Na oração comunitária, os religiosos, como grupo, percebem a vocação comum, refletem a partir da experiência comum do mesmo instituto, comprometem-se com a sua missão específica. Por isso, esta oração comunitária alimenta a ação apostólica e se alimenta dela. Naturalmente a Eucaristia é a expressão máxima da oração comunitária, onde os religiosos se encontram com Cristo e com seus irmãos.

Para que a vida de oração seja realmente algo autêntica, cumpre dar largo campo à liberdade, à espontaneidade, à autenticidade nas formas escolhidas, reduzindo ao mínimo as obrigações e formas fixas de rezar. Mas um mínimo de formas comuns obrigatórias parece necessário, para evitar esvaziamento, superficialidade, banalidade, arbitrariedade, dando certa segurança. Os religiosos, sobretudo jovens, devem poder encontrar na oração uma canalização de toda a sua tendência afetivo-pessoal, dentro de dimensão verdadeiramente apostólica.

Vida de pobreza

Como este tema fôra já tratado em dois outros documentos da CLAR: **Pobreza y vida religiosa en América Latina**, e **Vida Religiosa y desarrollo latinoamericano**, aqui se trata bem sucintamente.

Quando se trata deste tema, a primeira coisa que se nos surge diante dos olhos é a situação global da América Latina de subdesenvolvimento, de pobreza, de miséria mesmo. E doutro lado, os religiosos, justa ou injustamente, projetam uma imagem de ricos, de comprometidos com as classes mais possuidoras, distantes das classes pobres. Diante desta dupla realidade, a única posição é a necessidade de realizar mudanças profundas na mentalidade e estruturas dos institutos, para que as novas gerações possam pôr-se a serviço dos pobres, da libertação do homem latino-americano.

Os jovens, que vêm para a vida religiosa e surgem de meios mais abastados, sentem certo sentimento de culpa e por isso querem dessolidarizar-se de sua classe para dedicar-se ao trabalho de libertação do homem oprimido, enquanto que outros vindos de meios mais pobres têm dificuldade de aceitar a própria condição, e correm o perigo de ver na vida religiosa uma promoção. Necessitam adquirir segurança de si, um reconhecimento veraz das próprias qualidades, para poderem entregar-se com lucidez à pobreza religiosa.

Vida de pobreza exige, antes de tudo, testemunho de serviço, por meio de simplicidade de vida, pondo os bens em comum, através da abertura, hospitalidade. Os jovens necessitam ser formados para a pobreza, por meio de trabalho interior de despojamento do coração, de abertura para o outro, e de exercício exterior de pobreza em experiências apostólicas, sendo sensibilizados pelos problemas sociais e pelos ensinamentos evangélicos sobre a pobreza.

A formação cultural, teológica, profissional, que receberam, muitas vezes, dispendiosa, encontrará sua dimensão na pobreza, ao ser posta ao serviço dos outros. O mesmo problema nos põem os meios de trabalho mais custosos. Melhor seria que não nos pertencessem e só fôssem instrumentos para melhor serviço. Em toda

esta problemática, uma atitude de desprendimento, de disponibilidade, se faz absolutamente fundamental.

Virgindade consagrada

Num mundo de supervalorização da sexualidade, de redescoberta da teologia matrimonial, de desintegração da família, há realmente grande temor nos jovens de não se realizarem na virgindade consagrada.

A virgindade consagrada aparece como sinal. A realidade do reino de Deus inaugurado por Cristo é profundamente inovadora. Traz radical transformação neste mundo e anuncia realidade definitiva. O religioso, com sua virgindade consagrada, dá testemunho disto. Por isso, tal testemunho só pode ser entendido na fé. Ela radicaliza o amor em Deus, e não numa pessoa, questionando os homens para que transcendem suas limitações. Tal virgindade consagrada é um serviço que se presta à comunidade, manifestando a totalidade do amor de Deus e vivendo o amor da união de Cristo com a Igreja, de que o matrimônio é um sinal. A perspectiva de sinal redentor, de renúncia, de martírio mesmo, não pode ser esquecida, já que ela é participação íntima no mistério da morte e ressurreição de Cristo.

Tal realidade, teologicamente tão densa, exige, além da força maravilhosa da graça de Cristo, que triunfa por cima de nossas fragilidades, base humana, psicológica, de maturidade, de equilíbrio. Não pode a virgindade consagrada ser manifestação de nenhum sintoma patológico sexual, mas deve ser assumida lúcida e conscientemente pelo religioso adulto e maduro na sua afetividade, que superou a fase receptiva por uma capacidade oblativa. Assim a segurança não lhe advirá da posse, mas da doação, podendo, sem frustração, renunciar a busca voluntária e livre do prazer sexual.

Para isso, é necessário que se faça a integração da sexualidade na unidade da pessoa, superando as deficiências que pudera ter de carência afetiva, sobretudo na infância. O ambiente da casa de formação deve ajudar o religioso jovem a educar sua afetividade, ensinando-lhe o domínio da sexualidade, dando-lhe conhecimentos da psico-sexualidade masculina e feminina, proporcionando-lhe trato normal com pessoas de outro sexo e incentivando-lhe crescente diálogo com Cristo. Numa vida de comunidade, a amizade verdadeira, aberta, sem exclusivismos, límpida, que se desenvolve através de conhecimento pessoal entre os membros, em diálogo diáfano de trocas de riquezas espirituais e humanas, é elemento básico para a formação da virgindade consagrada, que sempre será dom gratuito de Deus. Por isso, os elementos sobrenaturais serão sempre necessários.

Vida de obediência

O binômio autoridade e obediência se encontra em situação de tensão em todos os grupos humanos. Ainda que seja necessária a realidade da autoridade e conseqüente obediência, contudo reina insegurança, quer no campo doutrinário da mútua relação entre ambas, quer na sua realização prática. As novas condições em que se encontram o mundo e a Igreja, obrigam-nos a rever toda a problemática da obediência e da autoridade. Além das dificuldades mais pessoais, de superiores inseguros, carentes de abertura, de compreensão, de capacidade de diálogo, e de súditos desafetos em relação à autoridade, rejeitando todo institucional, há causas psicológicas e teológicas para a situação geral de crise. Sem dúvida, as gerações jovens possuem sentido crítico agudo, necessitam mais de um tipo de relacionamento, onde a comunicação pessoal ocupe lugar mais importante, e nem sempre têm sido ajudadas no processo de maturidade pelas estruturas eclesásticas e religiosas.

Fenômenos culturais modernos, como reestruturação da escala de valores com acento na eficiência, promoção da mulher, libertação do homem da sujeição aos outros, posição criativa e transformadora do homem diante do mundo, processo de socialização e de descoberta dos valores nacionais, têm grande influência na problemática da autoridade e da obediência. Mesmo teologicamente, certo antropocentrismo com nítida valorização da pessoa humana, põe em cheque tudo que pode despersonalizar, alienar o homem. O processo de secularização em curso desmitologizou e desacralizou a autoridade, tirando-lhe aquele cunho onipotente de expressão explícita e quase infalível da vontade de Deus. Se há todo um lado positivo neste processo de purificação da autoridade, ele pode levar também a minar o caráter sobrenatural e transcendente da obediência.

Nova eclesiologia, em que a autoridade é vista mais em linha de serviço que de mando e em que o carisma recebe sua valorização, ao lado da falta de aprofundamento dos valores evangélicos da obediência e integração nela dos valores modernos, superando perspectiva jurídicista e abstrata, coloca em questão muitos aspectos do modo como a obediência vinha sendo exigida dentro dos âmbitos eclesásticos.

Faz-se mister mais do que nunca séria reflexão teológica que encontre as fontes profundas da obediência. Há obediência que é de todo cristão, que se origina da vontade salvífica de Deus Pai. Jesus foi o primeiro a ser obediente até a morte para realizar o plano do Pai. Foi assim que ele redimiu todos os homens e o cosmo. Participamos, pelo batismo e pela aceitação livre dos meios para alcançar a salvação, desse plano divino. A vontade concreta de Deus

se manifesta a nós pelos sinais dos tempos, gerais e particulares para a América Latina, pelos carismas pessoais, pelos legítimos representantes da Igreja, e sobretudo pela leitura da Escritura. Mas como tal realidade não se nos aparece clara, cabe a tarefa dura e constante de buscar, através do diálogo e das luzes do Espírito Santo, descobrir esta vontade de Deus sobre nós.

Sempre haverá tensão

A obediência religiosa é forma particular desta obediência cristã com o colorido próprio do Instituto. O religioso, com sua obediência, deve ser sinal animador da obediência cristã de todo o povo. O chamado de Deus para o religioso se concretiza pela aceitação livre e consciente do carisma do próprio Instituto, em busca sincera de seguir a Cristo. Este seguimento, em obediência, faz-se em comunidade, na execução da missão especial do Instituto. Esse aspecto comunitário e apostólico é fundamental na obediência religiosa. Pela obediência, o religioso exprime também seu amor a Deus e aos irmãos, por meio da entrega generosa de si para participar da ação salvadora de Jesus Cristo. É verdadeira assimilação a Cristo. Na autoridade, deve-se ver o sacramento da presença de Cristo na comunidade, como fator de união entre os irmãos e animador, coordenador e guia da ação apostólica, encarnando o carisma do próprio Instituto.

No exercício da autoridade, faz-se mister que todos participem na busca da vontade de Deus concreta sobre os membros e sobre o conjunto da comunidade, cabendo a cada um sua tarefa. O serviço do superior é o da decisão em última instância, consciente contudo das limitações de sua tarefa de ser intérprete de Deus, nunca exigindo dos súditos a abdicação de sua própria responsabilidade e consciência.

De todas essas reflexões, deve ir emergindo nova imagem da obediência, que liberte os religiosos de todos aqueles condicionamentos negativos passados. Então ela surgirá como compromisso pessoal e comunitário para viver concretamente uma forma de vida evangélica e apostólica. A obediência é pacto de amizade e lealdade à missão a que se consagra o religioso: a libertação do homem, como Cristo veio libertar todos os homens. Nessa missão, cada um tem seu serviço peculiar, valorizando o próprio talento e carisma. O superior representa mais particularmente a Cristo, como centro de unidade fraterna e coordenador das tarefas apostólicas. A obediência é fé na nossa missão, seguimento de Cristo, união com ele, fidelidade a nossos compromissos e lealdade a nossos companheiros. Tudo feito por amor, superando juridicismo estéril e seco. Somente à luz da fé é possível viver tal realidade da obediência. Sem-

pre haverá tensão entre carisma pessoal e autoridade, liberdade individual e obrigação de obedecer, inspiração do Espírito Santo e expressão oficial, aspirações pessoais e exigências da vida comum, forte personalidade com iniciativa, responsabilidade e submissão obediente.

Religioso leigo

O documento coloca algumas observações sobre os religiosos leigos. Chama a atenção como a presença do religioso leigo mostra nitidamente a natureza da vida religiosa, sem desconhecer que há tensões nos Institutos onde convivem religiosos leigos e clérigos. Ora corre-se o perigo clericalizar o irmão leigo, sobretudo por falta de sacerdotes, ora a de reduzir o seu trabalho a pura realização profissional, esvaziando-lhe o caráter religioso, de consagração. O religioso leigo tem tarefa de transformação progressiva das estruturas temporais, que necessitam ser impregnadas do espírito evangélico. Tal missão do religioso leigo necessita ser revalorizada nos planos de pastoral. A formação deles precisa caminhar em dupla linha de reforço da preparação teológico-espiritual ao lado de melhor preparação para suas atividades específicas de leigo religioso.

Conclusão

Este documento da CLAR, relativamente longo, ajuda-nos bastante para termos visão equilibrada, global, da situação da vida religiosa na América Latina com seus problemas e crises. Indica elementos para reflexão teológica e aplicações pedagógicas concretas em busca de solução para a problemática da vida religiosa. Reúne reflexões esparsas em organicidade didática e prática. Não se trata de nada original ou novo. Talvez falte ainda reflexão teológica dentro de uma concepção da Igreja para um mundo secularizado. A linha fundamental é a visão sacramental da Igreja. Na medida em que nova eclesiologia vai surgindo, também a teologia da vida religiosa vai assumindo novas dimensões. A dimensão da vida religiosa como testemunho público, societário, na superação de uma teologia por demais privatizante e personalista, ainda fica por ser explorada. A vida religiosa como crítica contínua, escatológica, da auto-suficiência das estruturas terrestres, testemunhando sua segurança somente nas promessas de Deus, ainda não é refletida. O aspecto da mensagem escatológica crítica da vida religiosa, como expressão mais clara desta dimensão da fé cristã, não merece consideração no documento. Por isso, apesar de seus valores imensos, como síntese dos elementos válidos da teologia da vida religiosa, carece de complementação numa linha da teologia crítico-escatológica.

POBREZA E VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

Frei Cláudio van Balen

Comunidade do Carmo — B. Horizonte

Refletir cansa. Tomar consciência da missão que nos cabe é um processo lento e doloroso. Equacionar o nosso estilo de vida às exigências da realidade em que vivemos exige contínua conversão. Constatar que há grande distância entre nossas idéias e a nossa vida com seus engajamentos, não raro provoca certa decepção. E eis a tentação que sorrateiramente se inocula em nosso íntimo. Passamos para a agressividade e, desanimados, encolhemos os ombros julgando que tudo isto não passa de um “blablablá”.

Percebi algo destas reações em mim após a leitura do documento da CLAR sobre a pobreza e a vida religiosa na América Latina. Mas reconheço que isto pode ser imaturidade de minha parte e, provavelmente, a camuflagem de uma atitude de defesa. Repassando um olhar atencioso sobre as colocações deste documento constatei que seu fio condutor é a preocupação de renovar a vida religiosa como dinamismo da vida cristã a serviço da promoção libertadora em prol de irmãos pobres e oprimidos. Se o documento é o resultado final de pesquisas, debates e reflexões de grande número de religiosos de vários países da América Latina, então vejo aí o presságio de uma nova primavera. Cada vez aumenta mais o número de religiosos que se convencem da necessidade premente de ir além de uma “pureza platônica” para “sujar as mãos” e “quebrar uma lança” na dura tarefa de libertação dos homens, caso tenhamos a pretensão de entender o que significa a “encarnação de Deus”.

O valor do documento

Refletir sobre a realidade, abrir perspectivas, descobrir novos caminhos é hoje uma urgente necessidade pastoral. E a meu ver o documento

da CLAR presta um serviço neste sentido. Daí o seu valor. Sobretudo porque, com insistência e clareza, mostra que a pobreza nas perspectivas do Reino é necessariamente “apostólica”, uma vez que o amor de Deus é inseparável do

O documento da CLAR revela
a preocupação de renovar a vida religiosa:
a) como dinamismo de vida cristã;
b) como serviço de promoção libertadora.

*Atuar na transformação da realidade
social exige:*

*Abandonar a sombra protetora
de minorias privilegiadas;
eliminar tudo o que separa ou
obstacula o serviço fraterno;
mergulhar-se numa vida pobre;
colocar-se ao lado dos mais
fracos e dos menos favorecidos.*

- O remédio eficaz no combate à pobreza injusta consiste em cuidar dos pobres ou forçar os ricos para renovar as estruturas e humanizar a dinâmica social?
- O que necessita de renovação: nossas casas, nossos trajes, nosso trabalho, ou nossa conduta diante do mundo e da história?
- Qual é o preço que estamos dispostos a pagar pela renovação autêntica de nossa vida religiosa?

amor ao próximo. E a pobreza só tem sentido enquanto expressão do amor e instrumento de nossa disponibilidade diante de Deus no serviço aos irmãos. Este serviço, hoje, na realidade de nosso Continente, exige que colaboremos efetivamente para a superação das estruturas pecaminosas, que escravizam milhões de irmãos. De outro lado, o documento revela também algumas limitações. Nem tudo é resolvido, nem todos os aspectos são abordados. Talvez até denote certa ambigüidade no que diz respeito à inspiração fundamental da vida religiosa. E certamente não apresenta todos os elementos necessários para formar uma nova imagem do religioso de hoje.

Isso não é nada mais do que normal e inevitável dentro do atual contexto. Tanto mais que a nova formulação doutrinária e a organização estrutural da vida religiosa deverá ainda aguardar a configuração de um novo estilo de vivência pluriforme neste setor. As novas linhas da teologia da vida religiosa não poderão vir exclusivamente de reflexões apriorísticas, mas emergirão da realidade com suas novas atitudes de vida e suas novas experiências. Já não podemos limitar-nos a copiar modelos importados ou estereotipados. É preciso aguardarmos esta fermentação e debruçarmo-nos antes, sobre a realidade e suas exigências. Porém, o

pano de fundo, a inspiração básica ou o ideal da pobreza em sentido bíblico deverá ser conservado, aprofundado e equacionado às exigências de hoje.

O conteúdo do documento

- A realidade do nosso Continente é marcada por um profundo desequilíbrio e uma violência institucional, que tem a sua expressão na pobreza do povo.

- Essa pobreza é pecaminosa na sua origem e na sua permanência, enquanto fruto da injustiça que enleia o tecido das instituições sócio-econômicas. Sua existência, portanto, é um apelo ao esforço de todos para erradicá-la.

- As sementes desta violência devem ser combatidas e extirpadas por um amor efetivo e um serviço eficaz, que leve a transformar as estruturas do atual **status quo**, numa perspectiva de vida mais plenamente humana e cristã.

- Este trabalho de transformação tem que ver com a missão evangélica da Igreja, que anuncia uma salvação religiosa que afeta o homem todo.

● Por sua vez, cabe aos religiosos da América Latina uma parte nessa tarefa evangélica de colaborar mais eficazmente na eliminação da pobreza do povo.

● É preciso, neste sentido, mobilizar os religiosos para atuarem na linha de transformação da realidade social. O que exige: a) abandonar a sombra protetora de minorias privilegiadas; b) eliminar tudo o que separa ou obstaculiza o serviço fraterno; c) mergulhar-se numa vida pobre; d) colocar-se do lado dos mais fracos e dos menos favorecidos.

● Enfim, a atitude dos religiosos diante dos bens terrenos, nesta perspectiva de solidariedade e promoção libertadora em prol dos irmãos pobres e oprimidos exige deles uma conversão. Esta conversão atinge o teor do trabalho, a escolha do local, o estilo de vida, a distribuição do pessoal e, particularmente, a vivência aprofundada do "seguir a Cristo", cuja pobreza se tornou fator de enriquecimento de todos.

A vivência da pobreza

Para evitar confusão de idéias e ambigüidades na linguagem, creio ser oportuno lançar mão de uma distinção abordando o problema sob dois ângulos distintos que se relacionam entre si, mas não se identificam. Ou seja, considerar a "pobreza cristã" e a "pobreza religiosa". Trata-se de duas dimensões diferentes. A primeira é de valor absoluto como exigência básica da vida cristã enquanto ligada à vida de fé e como processo de conversão para os critérios de Deus e seu reinado na vida e na história humana. A segunda é de valor relativo, enquanto se relaciona à primeira como uma expressão instrumental e é condicionada a uma determinada vocação carismática (também pluriforme) que, por sua vez, se vê determinada por condicionamentos de tempo e lugar.

O documento se refere mais diretamente à pobreza religiosa, que deve ser equacionada à realidade do Continente e suas atuais exigências.

I — A POBREZA CRISTÃ

Uma reviravolta na Igreja e na Vida Religiosa é sempre acompanhada de conversão. E quanto mais profunda a renovação a ser atingida, tanto mais exigente a conversão que impõe e, conseqüentemente, tanto mais dor provoca. Surge então a pergunta: Quanto estamos dispostos a pagar? E aqui então se apresenta o valor da pobreza em sentido bíblico, que é o fundamento e a inspiração de todo outro tipo de pobreza, também da religiosa. Esta pobreza diz respeito diretamente ao nosso relacionamento vertical com Deus e incide sobre o nosso comportamento, do qual faz a expressão da transcendência de Deus.

Em termos abstratos — na vivência da fé, no relacionamento com Deus, é tão difícil falar concreto! — o pobre é aquele que assume uma atitude de despojado, cria em si espaço interior para receber, para assimilar e viver a mensagem de Deus e a oferta-apelo de seu amor. Este pobre, por sua estrutura e mentalidade, é o mais apto para receber e viver o evangelho, porque nada o prende ao aqui e agora. Ele é cheio de esperança, expectativa, vontade de mudar e, como ninguém, pela própria liberdade interior de que goza, é capaz de serviço, sacrifício e amor.

Ser pobre, em sentido bíblico, é mais do que uma situação de fato, em termos de posse material e de condição social. É antes uma atitude de viver o sim da Aliança como Cristo o viveu:

na obediência até a morte de Cruz. Aproxima-se muito daquilo que a Bíblia chama piedoso. Denota grande capacidade de esperar em Deus e por Ele, que é fiel, implica em submeter-se a Ele, que é imprevisível, despojando-se de si mesmo para estar desarmado diante de Deus, cujas irrupções se comparam a um assalto de ladrão à meia-noite.

Não é sem razão que na Bíblia este pobre tem sua representação nos marginalizados e pequenos, nos indefesos e pecadores desarmados, como também nos ricos generosos e disponíveis, que vivem uma grande abertura e disponibilidade diante de Deus, dispondo-se às suas surpresas, e na disponibilidade servil para com os outros.

Trata-se, pois, de uma atitude religiosa de fé, que se fundamenta num processo radical de conversão e se alimenta de modéstia, profundo respeito, humildade, paciência e confiança inabalável naquele que nos faz aprender a obediência pelo sofrimento. Esta pobreza se autentica quando nos faz aceitar e irradiar a transcendência de Deus, sobretudo em circunstâncias em que perdemos os apoios humanos de segurança pessoal e de auto-conservação, somos reduzidos como que à condição de estrangeiros e peregrinos. Neste sentido a pobreza supõe uma consciência existencial da própria pecaminosidade e radical impotência diante de Deus, e leva a colocar o centro da própria vida

não em si mesmo, nos seus próprios projetos (reconhecidos como tão limitados), nem neste mundo com seus bens (de poder, prestígio, fama), nem mesmo na Igreja com suas instituições, mas em Deus, no seu reino e na sua vinda.

Esta pobreza cristã é o valor fundamental da vida de fé. De uma maneira original e como "primogênito entre muitos" Cristo iniciou a sua vivência na qualidade de quem se fez modelo de vida segundo o ato de fé. Escondeu sua condição divina sob uma forma humana. Imprimiu à sua ação a forma de obediência absoluta ao pai. Por uma soberana decisão de amor não se agarrou à própria figura de Deus (como diz São Paulo), mas se perdeu na insignificância da figura humana, no anonimato de uma existência incompreendida e hostilizada, até consumir-se loucamente na ignominiosa morte de Cruz. Quem ousa fazer semelhante entrega a Deus, chama-se pobre. E esta pobreza se exprime por uma atitude de fé, que faz a criatura pronunciar a palavra incondicional do sim de quem se declara disposto a ir tão longe quanto Deus quiser, a ser usado e gasto quanto Deus julga necessário e a dar, livremente e no amor, tanto espaço quanto Deus queira exigir.

Logo se vê que esta entrega a Deus exige uma conversão por parte do homem, tão medrosamente preocupado com a auto-conservação e tão cioso de sua auto-suficiência. Este sim ao Deus da fé, que está na base da Aliança, deve libertar-se progressivamente de limitações e restrições dispondo o cristão ao que nisso pode haver de imprevisto, indesejável e mesmo brutal. Trata-se, pois, de um sim, não aos próprios planos, previsíveis e controláveis, mas ao

plano de Deus que é sempre maior, imprevisível e sempre diferente do que se tinha pensado. Interessa dizer o sim não a partir de si mesmo, mas a partir do Reino. Porém, não se entra na amplidão de Deus senão pela obediência no sofrimento. Isto valeu até para Cristo, de quem está escrito: "**Aprendeu a obediência pelo sofrimento**", Heb. 5, 9. Aqui a certeza não está no campo do saber, mas diz respeito ao aprender que passa pelo cadinho do sofrimento.

Uma chance rica

Estamos lutando pela renovação da vida religiosa. Qual o preço que estamos dispostos a pagar? Apresentam-se novas possibilidades de autenticarmos a nossa pobreza cristã. Sabemos aproveitá-las? Somos daqueles que facilmente desanimam e se fixam numa agressividade negativa ou se agarram desesperados a projetos humanos hoje sentidos como insuficientes? Ou aceitamos nossas limitações e pela audácia da fé forçamos a Deus para conduzir-nos pelos travos da agonia e o vazio do lago aos frutos do Espírito?

Hoje temos nossas possibilidades para fugir de Deus ou realizar a nossa entrega aos seus planos. E, mais do que antes, experimentamos que isto exige a renúncia aos nossos apriorismos, permitindo sermos usados pelo Espírito de seu amor, o que nos faz participar também na Agonia do Monte das Oliveiras. Quanto nos custa quebrar as nossas limitações e romper a nossa pecaminosidade defensiva! Não é de estranhar que todos, individualmente, e como Igreja, procuramos fugir deste momento, oferecendo a Deus meios substitutivos, a fim de evadir do ato propriamente de fé que, pela conversão, nos faz viver a pobreza cristã.

II — A POBREZA RELIGIOSA

Da pobreza cristã, enquanto atitude radicalizada de viver o sim da Aliança, não se pode abrir mão. E neste setor não basta instrumentalizar-nos com as ciências humanas e positivas, como a psicologia ou a economia, mas cabe-nos viver da fé enquanto processo de conversão para Deus e para as exigências de seu reino.

Esta pobreza, valor fundamental da fé e comum a todos os cristãos, tem uma de suas expressões na **pobreza religiosa**, que diz respeito, em nível social, ao uso e à posse dos bens terrenos. Ela apresenta um aspecto de funcionalidade em vista de uma meta: exprimir o comprometimento com a causa do Reino e dar eficácia ao serviço evangélico que se pede dos religiosos. E esse serviço recebe muitos matizes

diferentes segundo a diversidade dos carismas ou tarefas apostólicas que são assumidas. Assim, por exemplo, a pobreza religiosa de um trapista será diferente da pobreza de um religioso que lida ativamente no apostolado. E, por sua vez, haverá diferença entre religiosos que vivem no interior ou numa cidade industrializada. Como meio ou instrumento, essa pobreza, na linha social de posse ou uso, está necessariamente sujeita às modificações em função da meta a ser atingida. Razão porque, caso se torne ineficiente ou contraproducente, deverá ser revista.

Os dados confirmam que a vivência e a estruturação dessa pobreza desempenhou um papel relevante no percurso da vida religiosa. A história aponta mesmo certa correlação entre o

fastígio e o declínio das instituições da vida religiosa e a vivência desta pobreza. Mas os tempos mudaram e hoje devemos vivê-la neste século XX, com o mundo tão diferente e neste Continente tão promissor e tão explorado da América Latina. E perguntamo-nos: Qual a maneira mais eficiente de vivermos, hoje e aqui, como religiosos, esta pobreza?

A. Qual a atitude exata diante dos bens terrenos?

Convenhamos que por pobreza religiosa se deve entender uma forma determinada de conduta frente aos bens deste mundo. Resta esclarecer, nas novas circunstâncias da nossa sociedade, qual deve ser esta forma de conduta. Não basta simplesmente conservar os dados tradicionais e, com novo vigor, enxertá-los na nossa vida de hoje. Aliás, o documento insiste que a nossa pobreza deve instrumentalizar-nos para um serviço eficiente em prol da libertação dos irmãos oprimidos. Portanto, não basta mais limitá-la à renúncia, ao uso independente dos bens nem à mera vivência pessoal num estilo de vida pobre ou externamente em contraste com o mundo que nos cerca.

Nesta perspectiva não me ficou bem claro porque, no documento, se reconhece sem mais como positivo abandonar edifícios grandes e trocar as chances da cidade pela indigência do campo ou a pobreza da periferia. Afirma-se, pois, pelos fatos da história da salvação, que Deus quer conduzir os homens da escravidão para a liberdade, do sofrimento do subdesenvolvimento para o bem-estar do progresso, da morte para a vida. Será que, no mundo de hoje, o melhor caminho para colaborar com este plano de Deus, continua sendo a simples renúncia aos bens da civilização? Ou será que tal renúncia implica necessariamente o distanciamento dos bens materiais, não podendo harmonizar-se com o uso dos mesmos de uma maneira positiva, na abertura e serviço aos irmãos? Ou será que só o Papa pode dispor das riquezas do mundo para anunciar a Boa Nova na ONU e levar uma mensagem de paz e de esperança para países distantes? Ou quando dispomos destes bens (o que é fato generalizado), devemos permanecer num complexo de culpa?

B. A primazia cabe, indistintamente, aos pobres?

Ninguém vai negar que os carismas não sejam diferentes, desde São Francisco até Thomas Merton. Há uma grande variedade de dons e vocações. O que me pergunto é se, nas atuais circunstâncias, o remédio para ser eficaz no combate à pobreza injusta, consiste mais em cuidar dos pobres ou em forçar diretamente os

ricos, isto é, os detentores do poder e dos bens culturais para renovar as estruturas e humanizar a dinâmica social? Ignoro até onde é científica e comprovada esta observação categórica:

— Sociologicamente as elites que poderiam dirigir o desenvolvimento são cada vez menos os ricos e cada vez mais os líderes surgidos do povo (subentendido: pobre).

Em todo caso, a primeira correção não deveria ser feita lá onde se educam os homens e se formam os líderes futuros? E não implica este trabalho fornecer-lhes as condições de adquirirem uma visão correta da realidade e formarem sua consciência pelos valores da justiça e da fraternidade? Por que, então, se justifica o conselho de abandonar todo esse material que possuímos em imóveis e posições culturais para dirigir-nos à periferia e ao campo? A não ser que esteja mesmo comprovado que no meio da burguesia as portas estão hermeticamente fechadas e não resta senão dar meia volta sacudindo a poeira dos sapatos!

C. Jogar os trunfos para valer

Dissociar-se das injustiças do sistema desumano em vigor significaria necessariamente virar as costas aos bens que usa, ao poder que representa? Mas como vou hoje servir à causa do desenvolvimento sem valorizar ao máximo — sem idolatria — os bens terrenos? Sem melhorar a minha presença atuante lá onde caem as decisões históricas? Ou será o único meio para isso a renúncia ao poder e ao prestígio? Afinal, o que necessita de renovação: nossas casas, nossos trajes, o objeto de nosso trabalho, ou, antes, a nossa conduta e atitude como homens de fé diante do mundo e da história?

O conselho é: voltemos aos bairros pobres, vamos ao campo, deixemos nossos colégios. Será que a nossa caridade falhou, o nosso apostolado não teve êxito, a nossa pregação foi aplaudida sem nada transformar? Adianta jogar a culpa no meio ambiente onde trabalhávamos ou na estrutura externa de nossa vida? Mas talvez nós mesmos sejamos os únicos culpados, não vivendo bastante a pobreza cristã! Certo é que também aqui se esconde a possibilidade de uma fuga. Vamos retirar-nos para outra gente, onde é mais fácil trabalhar, porque lá não sofremos tanto questionamento e colhemos mais compreensão e simpatia.

E ficar no posto? Expor-nos um pouco mais? Ser aí mais conseqüente? Não seria também uma outra saída possível, digna de ser considerada? Em certos casos, até mais necessária? Não deveríamos cultivar um pouco mais esta mística da inutilidade sofrendo queimação sobre queimação? Por quê, de repente, perder das mãos esta chance de dirigir aos que estão

ao nosso alcance uma palavra de Verdade, que pode ameaçar, advertir e chamar à conversão os que defendem e sustentam o **status quo**? Ou será que, no fundo, também nós resistiremos à conversão, não querendo perder a própria segurança?

Acentua-se a necessidade da **práxis** como imperativo fundamental do amor evangélico. Resta a pergunta: Não exige esta **práxis**, ao menos em certos casos, que sujemos as mãos no contato com o poder, o dinheiro e o prestígio a fim de que os nossos irmãos oprimidos sejam libertados? Ou será que as Congregações e as comunidades não querem jogar nesta causa o seu poder e o seu prestígio, porque intuem que neste caso poderia acontecer perdê-los de vez? É só uma pergunta. Mas a história de Moisés, enviado por Deus, que tentou resistir ao confronto direto com o Faraó, pode repetir-se em nossa atitude.

D. Uma tarefa específica dos religiosos?

Enfim, não me ficou claro esta grande esperança que o documento coloca nos religiosos frente ao desafio da transformação das estruturas sociais. Parece-me um tanto utópico. E neste caso poderia preparar novas decepções.

Não vou negar que a fé cristã deve tornar-se, cada vez melhor e de modo mais radical, um empenho eficaz na ação de Deus pela realização da História nas perspectivas de Deus. Porém, construir a História é tarefa dos homens em geral, sendo que cabe ao cristão e ao religioso, de modo próprio, ser a consciência da direção da história, discernindo o que é verdadeiramente humano-cristão na esfera do contato pessoal, da vida familiar e no teor das decisões históricas para uma convivência responsável e fraterna, livre e justa. E cabe especialmente aos leigos, imersos na realidade terrestre, fazer da fé uma resposta à presença e às exigências de Cristo na luta histórica em prol de uma Nova Humanidade.

Pergunto-me, então, se o documento identifica a vida religiosa enquanto tarefa de identificação com a causa do Reino e o testemunho encarnado do "seguir a Cristo" e a função de transformar as estruturas da sociedade. E cheira utopia colocar tanta esperança nos religiosos relativamente à criação de condições favoráveis ao desenvolvimento integral dos homens em nosso Continente. E isso pode contribuir para a experiência de uma nova decepção, após a experiência de se conseguir pouco ou quase nada nesse setor!

Aliás, as forças que determinam a sorte da humanidade estão no nível público do bem comum, e não mais no nível dos interesses particulares. E hoje a solução de muitos problemas

só se pode esperar de uma organização oníbarcante da vida em nível cidade-cosmopolita-universal. Caso fôsse tarefa específica dos religiosos lutar diretamente pela transformação social, então eles não deveriam ser convidados para se retirar das cidades e do meio burguês (que dispõe do dinheiro, do poder, da cultura e dos centros de decisão), mas haveriam de estabelecer-se e atuar eficazmente lá onde são tomadas as decisões históricas da humanidade!

Conclusão

A pergunta fundamental é mesmo esta: qual é o núcleo perene da pobreza em sentido bíblico e qual seria hoje, no nível social, uma nova possibilidade de expressão da pobreza religiosa? Qual é o cerne da revelação a este respeito e onde começa o colorido variável da aplicação condicionada ao tempo e ao lugar?

No Chile, milhares de ricos abandonam o país porque temem a perda da posse monopolística da sua segurança e bem-estar pessoal ou familiar. Algo de semelhante se verifica talvez com a Igreja. Centenas de padres e religiosos dão meia volta e entram por outro caminho. Não me compete julgar o lado pessoal de cada caso singular, mas o fenômeno como tal levanta uma pergunta. E esta pode ser dirigida aos outros, ou melhor, às instituições. Não será que estas se tornaram assassinas do homem livre e responsável? Mas é melhor ainda dirigi-la a nós mesmos. Não tememos, em última análise, essa pobreza que resulta da perda das seguranças e das incertezas? Não fugimos assim da dor da solidão e do peso das decepções que se acumulam? Não viramos, talvez, as costas à premente necessidade de fazer a "travessia pelo deserto" ou lançar mais uma vez as rédeas ao lago — aparentemente — vazio do mundo. após uma noite cansativa sem nada apanhar? Muitos dos egressos abandonaram primeiro as cidades, as casas grandes, os colégios... Mas depois ficou constatado que o decisivo não estava ali.

E assim volta a pergunta: Qual o preço que estamos dispostos a pagar pela renovação autêntica da nossa vida religiosa? Não estamos pecando por esta pretensão tão característica de quem é rico: assegurar-se contra os riscos, eliminar o imprevisível vivendo do cálculo, confiar demasiadamente nos próprios projetos ou nos homens, dispor de si segundo os próprios interesses (realização pessoal), reservar para si exclusivamente, o poder de decisão, retendo as rédeas em próprias mãos? Mas também quem gosta de ser louco? De fato, é muito duro eliminar os falsos escândalos e apresentar, sem ambigüidade, o escândalo evangélico, que é inerente à missão da Igreja no mundo.

MOVIMENTO DA CASA DE ORAÇÃO

O movimento da Casa de Oração se caracteriza, segundo Bernardo Haring, como "uma das maiores esperanças duma compreensão autêntica da renovação da Igreja" e, segundo Thomas Merton, como "possivelmente a manifestação mais prometedora na Igreja de hoje." (1) Explicação compreensiva e análise mais completa do conceito e seu desenvolvimento se acham alhures. (2) Este artigo é uma explicação breve do sentido e da importância da inspiração: Casa de Oração.

Vida contemplativa no mundo contemporâneo

O movimento da Casa de Oração nasceu do

anseio das religiosas ativas, de uma vida de oração mais profunda e da idéia do padre Haring, depois do Concílio Vaticano II, de que fator fundamental e vital na renovação autêntica da vida religiosa deve ser o estabelecimento de uma Casa de Oração nas congregações ativas. Uma das respostas mais penetrantes à proposta do Padre Haring se deu em agosto de 1968, num encontro especial de cinco dias, chamado **Vida Contemplativa no Mundo Contemporâneo**. (3) Reunida com o motivo específico para estudar criativamente a idéia da Casa de Oração, esta conferência internacional e ecumênica, que incluiu religiosas e religiosos das comunidades tanto ativas como contemplativas, deu como resultado a seguinte declaração de consenso:

1. A Casa de Oração numa Congregação ativa deve oferecer uma forma realmente nova de vida contemplativa. Há necessidade, portanto, de experimentar uma variedade de formas, mesmo ao preço de fracassar em alguma.

2. A flexibilidade é absolutamente necessária e pressupõe liberdade. Por isso, não deveria haver, antes da experiência nada estruturado. Preferivelmente, os membros dos grupos fundadores, vivendo em comunidade, abertos ao Espírito e uns aos outros, seriam livres para desenvolver seu ritmo e estilo de vida.

3. Tal como uma casa, deve ter abertura para o mundo. Apesar do principal apostolado ser o serviço

da oração, ainda assim deve haver alguma forma de diálogo com a comunidade maior da Igreja e do mundo. O verdadeiro teste desta nova forma será realizar sua viabilidade de maneira a não excluir ou obscurecer o principal objetivo, a saber, a oração.

4. A oração tenderá naturalmente a encontrar expressão em alguma forma, mas esta expressão deveria ser um transbordamento da vida de oração da casa e não um apostolado específico. Seja qual for a forma que ela tome, isto dependerá dos carismas dos membros e das necessidades específicas da Igreja e do mundo que convergem para a casa.

5. A Casa de Oração deveria ser considerada como parte integrante

duma congregação, uma evolução real do carisma do fundador ao encontrar novas necessidades, e não deveria, em sentido algum, ser considerada um ramo da congregação.

Esta declaração de consenso manifesta os conceitos básicos do movimento da Casa de Oração no sentido mais dinâmico e carismático. Como padre Häring insiste,

“a Casa de Oração deve ser uma forma completamente nova de viver a vida contemplativa, ou então ela não tem motivo de existir. Ela não deve ser uma clausura no sentido tradicional. Deve estar aberta para a Igreja e para o mundo, trazendo a fé para todas as realidades da vida e trazendo estas realidades para a Casa de Oração.”

A centralização de oração

A Casa de Oração se caracteriza pela centralidade de oração. “Hoje todos os religiosos devem perguntar a si mesmos, também os mosteiros contemplativos, o que determina o movimento de nossa casa na vida diária, não somente no seu ritmo, mas em todas as suas formas? É realmente a oração?” (5)

Oração em si — a receptividade e resposta à Palavra de Deus, buscada e expressa na oração pessoal e contemplativa e na oração comunitária e litúrgica — é a própria finalidade da Casa de Oração. Tudo deve nutrir e guiar a oração profunda, pessoal e contemplativa, e deve criar e manifestar a comunidade-de-oração. A Casa de Oração existe para formar pessoas de oração. A qualidade da oração comunitária e litúrgica será afetada pela profundidade e intensidade da oração pessoal e contemplativa. E a oração do indivíduo encontrará sua fonte na oração da comunidade e sua autenticidade na comunidade de oração.

Comunidade de oração é mais do que oração em comum dos indivíduos. (6) Formada pelo Espírito Santo, com “um só coração e um só espírito,” a comunidade escuta a palavra de Deus e a ela responde. É da comunidade de oração, sensível aos dons de cada indivíduo e atenta a seu carisma próprio que podemos esperar novas formas de oração comunitária. (7)

Além disso, consciente de que “as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, sobretudo dos mais pobres ou, de qualquer maneira, mais aflitos,” devem ser verdadeiramente as do cristão, (8), a Casa de Oração tem de se engajar em diálogo significativo com a comunidade maior da Igreja e do mundo. Como uma comunidade de oração em diálogo com o homem contemporâneo, ela deve rezar para, com e no meio dos homens.

Dinâmica carismática

Dom carismático, a inspiração da Casa de Oração é dinâmica. Dentro desta união fundamental de finalidade ou de objetivo, haverá extensa diversidade de expressão. Não existe Ca-

sa de Oração ideal. “Se você pensa saber como ela deve ser, você já está na pista errada” (Thomas Merton). (9) Uma diversidade da comunidade de oração será inspirada a expressar seu carisma em modalidades peculiares e servirá a uma variedade de necessidades. Cada casa continuará a desenvolver-se e envolver com as instituições e a criatividade de seus membros.

Esta diversidade inclui: a composição da comunidade da Casa de Oração. Além de heterogeneidade de idade, interesse e talento, pode ser composta dos membros de uma mesma congregação, pode ser intercongregacional, até uma mistura de religiosos ativos e enclausurados, pode incluir leigos, e pode ser ecumênica.

O local e ambiente de uma Casa de Oração expressa também o carisma único de cada comunidade. A casa pode ser localizada na calma do interior, em pleno centro de cidade, num bairro pobre, ou no meio independente. Nisso, também, uma simplicidade e beleza próprias ao ambiente, circunstâncias e finalidade caracterizam cada casa.

As intuições e inspirações de cada comunidade se refletem especialmente na sua forma, ou formas de diálogo com a comunidade maior da Igreja e do mundo. Além disso, numa comunidade de dons diversos, um membro pode ser chamado à oração mais contemplativa, a maior engajamento em evangelização, a maior promoção humana, dependendo dos carismas pessoais. A inspiração inicial teve em mente Casas de Oração de uma espécie permanente ou contínua. (10) Contudo, a experiência com Casas de Oração temporárias indica que elas, também, servem uma função muito importante. (11)

Casas de Oração deste tipo, temporárias, funcionam por um período de algumas semanas ou meses. Elas se compõem de grupos que desejam uma experiência breve e intensiva de comunidade de oração e que voltam depois às suas comunidades próprias (ativas ou contemplativas) enriquecidos, não somente individualmente, mas talvez com a intenção de fundar uma Casa de Oração contínua ou de auxiliar na renovação da oração, especialmente com a formação de comunidades de oração.

A Casa de Oração contínua se compõe de um núcleo dos membros que têm uma vocação autêntica para a vida contemplativa. (12) Enquanto eles não são chamados, nem comprometidos necessariamente, a ser membros para a vida inteira numa Casa de Oração, sua presença durante um prazo prolongado é essencial à realização da finalidade fundamental da Casa. Também, sua estabilidade relativa promoverá aquele ambiente necessário para permitir aos outros o enriquecimento nos prazos mais curtos da Casa de Oração (um mês, seis meses, um ano).

Qualidade dos membros

Muito depende do tipo de pessoas que constituem a comunidade da Casa de Oração. Em proporção ao sacrifício dos melhores membros duma Congregação, os mais maduros, refletivos, dotados, para este serviço, será fecundo o movimento da Casa de Oração para a Congregação e para a Igreja. Na opinião de Thomas Merton, os que fazem parte da Comunidade da Casa de Oração devem ser religiosos "maduros que tenham servido bem às comunidades e que nada podem prever no futuro senão mais e mais posições oficiais. Naturalmente, estes são os membros mais valiosos da comunidade. Mas a suprema recompensa numa comunidade religiosa deveria ser um homem ou uma mulher liberados para o que eles mais desejam. Nós teremos que realizar isto em nossas comunidades." (13) Como uma resposta ao Espírito Santo, então, alguns membros dos mais competentes duma congregação religiosa têm que ser liberados das outras responsabilidades importantes para entregar-se totalmente a esta vocação dentro da vocação.

Renovação de espírito

Oração em si é a finalidade ou o objetivo da Casa de Oração. Num sentido, oração é uma finalidade em si e não precisa justificar-se por outros motivos. Todavia, dada esta ênfase, a Casa de Oração deve afetar a renovação essencial do espírito exigida pelo Concílio Vaticano II. (14)

Certamente, como uma escola de oração, a Casa de Oração servirá para promover a renovação espiritual. Ela deve ser "um centro para estudo sério de teologia, tanto mística como ascética," diz Haring, e, por isso, alguns membros teriam uma formação especial em teologia, escritura, psicologia, e nas melhores tradições orientais de espiritualidade. (15) Além disso, a Casa de Oração deve incluir mestres de Oração, quer dizer, aqueles que têm não somente o espírito de oração (e, talvez preparação especial) mas possuem o carisma que transcende

a transmissão da sabedoria formal e têm a capacidade — dom ou carisma — de inspirar e guiar a oração.

Como um centro de oração para todos os homens de boa vontade, o ritmo da vida da Casa de Oração deve incluir reflexão, oração e culto com seus irmãos. Também, os membros duma Casa de Oração, formando e/ou partilhando a vida de oração de outras comunidades será uma fonte de oração e renovação fora da casa imediata.

Vida religiosa do futuro

A busca para uma vida de profunda oração contemplativa e a realização da verdadeira comunidade de oração dentro do coração da comunidade cristã maior e na realidade do mundo de hoje oferece não somente esperança de renovação profunda do espírito, mas a esperança duma expressão nova da vida religiosa do futuro.

"Chame-a de qualquer coisa menos Casa de Oração" disse Thomas Merton. "Deve ser um forum para reformular a própria base da vida comunitária." (16) Seja-lhe dada o nome de Casa de Oração ou comunidade de Oração, ou qualquer outro título, este movimento e outros semelhantes, estão influenciando profundamente na renovação da vida religiosa hoje e afetarão significativamente a forma de vida religiosa do futuro. Liberada no "mito de que é um contemplativo" (Merton), (17) liberada dos preconceitos de que "um religioso deve ser," a Casa de Oração deve ser "mandato" a criar, dentro da continuidade da tradição, novas expressões do dom do Espírito Santo de celibato em comunidade.

Ponto de convergência

O interesse no movimento da Casa de Oração é mundial e Casas de Oração (ou tipos semelhantes de comunidades de oração) se formam em todos os Continentes. (18) A qualidade e a variedade de algumas destas casas indicam que sua contribuição será muito valiosa à Igreja e à vida religiosa do futuro. O movimento da Casa de Oração pode ser bem um estágio na longa história da vida religiosa, mas, como reconheceu Thomas Merton, tão claramente, ele "está se tornando o ponto de convergência para o reexame e a restituição da identidade de toda a vida religiosa hoje." (19)

NOTAS

1. O relatório sobre a "Experiência da Casa de Oração em 1969" intitulado *Explorando o Espaço Interior*, por Irmã Ann E. Chester, IMM, e Irmão David Steindl-Rast, OSB, publicado pelo Clearing Center for the House of Prayer Movement, Monroe, Michigan, EUA. Neste artigo será chamado Relatório.

2. Cf "Casa de Oração: Uma renovação carismática", Grande Sinal, abril, 1970, e "Casa de Oração, um desafio", Grande Sinal, janeiro-fevereiro, 1971, por Irmã Mary Joseph Mayer.

3. Conferência sobre a vida contemplativa no Mundo contemporâneo, 18-22 de agosto de 1968, Monroe, Michigan, EUA. Participaram mais de 150 sacerdotes religiosos, Irmãos, Irmãs representantes de 96 congregações diferentes, tanto ativas como contemplativas. A conferência era internacional e ecumênica.

4. Relatório.

5. Ibidem.

6. Para uma explicação mais plena do conceito "comunidade de oração", Cf. Casa de Oração, um desafio, op. cit.

7. Muitos exemplos das novas formas de oração comunitária foram citados no Relatório sobre a Experiência da Casa de Oração, 1969.

8. Gaudium et Spes, 1.

9. Relatório.

10. O termo contínuo ou "on-going" em Casa de Oração se usa em vez do termo permanente para indicar o dinamismo do conceito e distinguir a Casa de Oração da clausura tradicional.

11. A experiência da Casa de Oração de 1969 tinha a intenção no início de auxiliar na preparação da Casa de Oração contínua. Entretanto, foi um sucesso tão grande que a oportunidade é oferecida anualmente pela Congre-

gação das Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria (Monroe, Michigan). Para uma explicação mais plena, cf. Casa de Oração, uma renovação carismática, op. cit.

12. Relatório.

13. Ibidem.

14. Perfectae Caritatis, 2e.

15. Relatório.

16. Ibidem. O termo Casa de Oração é usado na Escritura: "Minha casa será chamada casa de oração para todas as nações", Is 56, 7.

17. Relatório.

18. Interesse no movimento da Casa de Oração foi tão estendido e pedidos de informação tão numerosos que, a pedido da Conferência das Superiores Maiores dos Estados Unidos, a Congregação das Irmãs Servas do Imaculado Coração de Maria (Monroe, Michigan) assumiu a responsabilidade para distribuir informação e coordenar as atividades. Em 1967, elas estabeleceram o centro para o movimento de Oração (Clearing Center for the House of Payer Movement), locado na Casa-Mãe, que logo foi um centro internacional.

No Brasil, religiosos tanto ativos como contemplativos manifestaram grande interesse no movimento da Casa de Oração. A autora completou em janeiro de 1970 uma excursão de 10.000 quilômetros para explicar o conceito da Casa de Oração às comunidades religiosas. Casas de Oração, tanto temporárias como contínuas, se estabeleceram ou estabelecer-se-ão logo, aqui, no Brasil.

19. Relatório.

PARA CANTAR MELHOR: TÉCNICA DE IMPOSTAÇÃO VOCAL

por Pierre Kaelin — Ed. Vozes,
Petrópolis, 1970.

Trata-se de uma tradução adaptada do livreto de um competente mestre-capela da Catedral de Friburgo — Suíça e professor de música da Universidade de lá. Apresentação do Cônego Amaro Cavalcanti de Albuquerque, o que já é uma recomendação.

Em cinco capítulos, o Autor nos ensina o que é necessário fazer para cantar melhor, já que o canto é um fenômeno natural. Voz correta, dicção clara, fraseado sólido, expressão e... cantar para os outros. Vários exercícios acompanham a teoria. Acresce dizer que os exercícios deste livro estão gravados pela Sono-Viso do Brasil.



**ALIANÇA
MIRIM**

A AGÊNCIA NORTE-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL (USAID) estabeleceu, em 1966, a ALIANÇA MIRIM, para analisar pedidos de pequenas doações apresentados por entidades de todo o Brasil. A ALIANÇA MIRIM dá prioridade aos pequenos projetos com ênfase na educação, agricultura e saúde pública, tanto nas áreas rurais como urbanas. Com a CRB-RIO, a AM fez um convênio doando o equipamento para o curso de bombeiro eletro-hidráulico, realizado em Vila Kennedy.

Para maiores informações: ALIANÇA MIRIM, rua Melvin Jones, 5 Rio de Janeiro — GB ZC-21.

COMUNIDADE RELIGIOSA E AMBIENTE

A vida comunitária numa casa religiosa, hoje em dia, não é somente convivência dos membros entre si. Abrange também a convivência com os irmãos do ambiente. Não bastam boa vontade, carinho, perspicácia e sensibilidade cristã para encontrar nosso irmão. Precisa um mínimo de experiência:

O homem moderno

• O homem moderno se sente mestre de sua própria sorte. É emancipado, liberado da escravatura, democratizado. Ele luta contra a desigualdade da sorte entre os homens. No fim do século XVIII, a burguesia se libertou da aristocracia dominadora. No Século XIX, o mundo operário se libertou da burguesia industrial. Na primeira metade do século XX, o chamado terceiro mundo se libertou do colonialismo ocidental. Nesta segunda metade do século a juventude está proclamando sua libertação. O setor rural, o mais tradicionalista, já é atingido pela onda. Em alguns países da Europa, os agricultores se manifestam.

• O homem moderno se sente quase mestre da natureza. As invenções se multiplicam a tal ritmo que, não há dúvida ne-

nhuma que, no início do século XX, a vida sofrerá mudanças fantásticas. Os futurologistas não são todos palhaços. Despertam a atenção a respeito.

• O homem moderno se sente mestre de sua própria cultura. Na filosofia, a metafísica ontológica caiu no descrédito e o nominalismo reapareceu com vestido modernizado do existencialismo e estruturalismo. Em psicologia, Freud foi o iniciador e renovador das ciências humanas a tal ponto que ninguém mais abre os manuais de Tanqueray e Noldin. Além disso, que significa essas artes provocantes, essa literatura de palavras, a arte teatral abertamente pornográfica, o cinema de nudez e de sexo? Que significa essa onda de hippies sujos, vagabundos, desempregados, senão uma revolta contra uma sociedade bitolada (ao menos dizem assim) e uma vontade de libertação de qualquer embaraço?

DO HOMEM MODERNO

DO RELIGIOSO
MODERNO

DA COMUNIDADE
HUMANA MODERNA

• O homem moderno se proclama livre na escolha de sua vida moral. Numerosos os fenômenos que abalam as famílias, mesmo as mais cristãs: moral de situação, liberdade sexual completa, busca deliberada dos paraísos artificiais através dos entorpecentes, mudança total no estilo de vida do lar etc.

• O homem moderno acaba de se libertar duma religião do medo. O homem se libertou dos deuses da natureza, das divindades do panteão, do Deus terrível da Lei judaica.

• O homem moderno, sem ligação com o Deus Pai, está se libertando de Deus Canonista. Não suporta mais ser "objeto" quer ser "sujeito", ou melhor, ser "gente". Não aceita mais uma simples troca de palavras nem valores ou sistemas impostos. Daí, recusar tudo o que é impessoal e estático. Seja bom, seja ruim, o homem moderno é assim.

• Todavia, esse homem moderno tão libertado e emancipado, está preocupado com as relações comunitárias. Na solidão, ele se sente isolado, fora do mundo. Por isso a televisão e o rádio se tornam mais necessários do que o pão. O homem moderno não pensa mais em atividades isoladas. O artesanato e o comércio individualistas estão moribundos. Na época dos conjuntos industriais, dos holdings, dos supermercados, uma indústria isolada parece uma loucura. Os meios de comunicações favorecem uma massificação profunda tornando a multidão uma massa de carneiros submissos à propaganda qualquer. O progresso favorece também os encontros regionais, nacionais, internacionais, mundiais de todo tipo. Refletir à sós se torna incomum. Seja bom, seja ruim, o homem moderno é assim.

• O relacionamento religioso do homem com Deus participa da mesma perplexidade. O documento pastoral de Brasília (maio de 1970) fala francamente em crise. "Se a Igreja, com

os seus homens, suas estruturas e instituições, com a necessária vinculação ao tempo da expressão e formulação de muitos aspectos da verdade, permanecesse serena e inquestionável, em meio à tremenda crise que abala o mundo contemporâneo, ela estaria, por certo, fora da História. Mas porque assim não é, ela registra a marcha do homem no tempo e passa também por uma destas transformações profundas, que nem é a primeira nem será a última.

Afirmar que a contestação hodierna é nada mais do que falta de fé e de disciplina é ingenuidade ou irrealismo ou ignorância da História eclesial. Após o Concílio de Trento, a Igreja viveu um tempo de crise e de transição, e em face da conscientização protestante, houve uma conscientização católica válida. A introdução do humanismo pagão nos colégios dos jesuítas foi uma novidade tremenda; a formação do clero diocesano dentro dos muros do seminário, uma surpresa incomum; o catecismo tridentino, uma orientação incrível.

Acontece que, hoje, estamos em tempo de transição, com todos os perigos de relaxamento e de desvios... mais uma vez...

O religioso moderno

1) O tipo ascético, atento à regra religiosa e à imitação do Cristo, facilmente anti-intelectual. Os religiosos desse tipo, os mais velhos, não são abertamente espontâneos e nem bastante calorosos nas relações comunitárias.

2) O tipo personalista representado pela maioria dos religiosos, insiste para o amor ou serviço ao próximo. Ele deseja cristificar a terra e solucionar os problemas pelo amor. Ele tem uma idéia democrática da vida em comunidade.

3) O tipo empírico. Não gosta de intelectualismo, em geral, e de metafísica, em particular. Não entende os símbolos: a li-

turgia e a Bíblia são para ele um problema. Para ele a comunidade tem uma importância relativa. Serve como suporte para o seu trabalho mas não é uma coisa em si. A vida de comunidade ajuda, mais ou menos. Pode acontecer que amolece a vida apostólica.

O que interessa a esse tipo de religioso (hoje pouco numeroso mas cujo número está crescendo rapidamente) são os problemas concretos e não as idéias.

Os religiosos do terceiro tipo e uma parte do segundo tipo encontram uma interpretação renovada da vida espiritual a respeito da idéia de contemplação. "A própria palavra, contemplação, escreve José Comblin, pertence ao ideal da filosofia grega. Contemplação. Como trabalharam os religiosos, os mesmos começaram a pensar que a sua vida estava dividida em duas partes: uma o trabalho e outra para a contemplação. Daí também a intelectualização da contemplação. Não podemos confundir a vida contemplativa a que são chamados todos os religiosos e todos os cristãos, com alguns institutos que receberam o nome jurídico de "institutos de vida contemplativa"

Hoje em dia, felizmente as idéias a respeito são mais claras.

A comunidade humana moderna

Um sociólogo, Henry Thery no seu livro **Os Grupos Sociais, Forças Vivas?** escreveu o seguinte: "A sociedade contemporânea assiste a um enfraquecimento dos grupos tradicionais: família, clã, solidariedade de vizinhança. Enfraquecem também os grupos baseados no sangue ou na geografia, pelo menos no sentido de que não envolvem mais a totalidade da vida do sujeito."

O autor acha que os grupos sociais representam os sinais seguintes:

1) **Voluntariedade.** É a característica fundamental dos grupos modernos. Não se escolhe a família, nem o grupo de vizinhança na sociedade tradicional. Porém, o homem moderno quer escolher o grupo ao qual adere.

2) **Especialização.** Os grupos modernos respondem a limitadas funções. Controlam apenas um setor da atividade dos indivíduos. Reciprocamente, os indivíduos, no grupo, comprometem somente uma parte de sua vida e sua pessoa. O homem moderno encontra assim um modo de vida social que responde à vontade de liberdade e de autonomia.

3) **Mobilidade.** Os grupos não estão ligados à uma área geográfica ou social limitada. Os membros procedem das origens mais variadas. Por outro lado, o que se procura no grupo, não é mais a fusão ou a identificação entre os membros, e sim uma comunicação em que se equilibram fusão e oposição.

4) **Liberdade de expressão e de iniciativa.** Nisso, o grupo difere radicalmente da vida social antiga em que a iniciativa pertencia à autoridade que representava a tradição e a continuidade, enquanto a expressão ficava limitada dentro das exigências do respeito cujos limites estavam fixados pela autoridade.

5) **Reconhecimento do direito de contestação.** Por enquanto é ato de participação e ultrapassa a simples busca de um interesse particular.

6) **Intercâmbio e diálogo.** Muito importante no grupo moderno para os papéis e superar os particularismos.

Dois depoimentos característicos

Entre muitos, corroboram concretamente o esquema aqui apresentado, Roger Schultz, na sua carta ao Concílio pastoral holandês de janeiro passado.

“Nas sociedades pluralistas e secularizadas são necessários lugares onde a Cidade de Deus encontra a Cidade dos homens. Com efeito, o homem não entende mais vida contemplativa que não encontra a realidade humana. Mas também não entende mais o cristão totalmente absorvido pelo meio humano. O que nos arde é viver de Cristo para os homens. O que nos impressiona é o homem e sua promoção para Deus no mesmo passo que sua promoção humana. Juntos, religiosos e leigos, temos de preparar as gerações do ano 2000. Juntos, religiosos e leigos, temos de ser fermento de unidade na comunidade dos homens”.

Bonhoeffer, de seu lado escreveu:

— Antigamente, religião queria dizer interesse individualista de salvação. Religião, neste sentido, é um tipo de metafísica que considera Deus todo-poderoso, como um ser onipotente que explica absolutamente tudo. Este tipo de religião é como uma capa de segurança para homens angustiados pelas próprias limitações. Mas o homem moderno sente que há coisas mais importantes que as preocupações a respeito da salvação **individual**; é uma explicação global metafísica. Com efeito, por causa do crescimento extraordinário do conhecimento humano e das técnicas, tem muito mais segurança do que aquele do tempo passado. Por isso, hoje, a religião, é vida nova em Cristo. Neste sentido, Cristo tira o homem de ser para si mesmo e o introduz no ser para os outros, de tal modo que Cristo encontra o homem na vida do homem mesmo, nas forças do homem.”

O diálogo da comunidade com o ambiente

Precisamos explicitar o conteúdo das palavras:

Diálogo. O diálogo verdadeiro supõe interlocutores, mais ou menos, iguais, que podem

expressar seus pensamentos sem frustração. Entre um general e um praça, não há diálogo. Diálogo não é duplo monólogo. Isso acontece com interlocutores sem um **minimum** de flexibilidade psicológica. É o caso às vezes entre pais e filhos.

Diálogo da comunidade. Quer dizer da comunidade como tal. Não basta que, numa comunidade, haja um ou outro membro em diálogo com o ambiente, enquanto uma parte ou a maioria da comunidade, fica fora do jogo. Um diálogo por delegação, não é diálogo da comunidade. Em todo caso, não há irradiação.

Diálogo da comunidade com o ambiente. Quer dizer com ambiente como tal. Contatos pessoais como algumas pessoas ou grupinhos, seja a legião de Maria, a ordem terceira ou os membros da congregação mariana, não criam, por si, o diálogo da comunidade com o ambiente.

Trata-se de **ambiente no sentido de ambiente** na sua caminhada terrestre, no seu intercâmbio espiritual e humano, através dos acontecimentos e das metamorfoses da vida diária, no seu desabrochamento dentro da vida de todos os dias. Com efeito, o diálogo da comunidade com um ambiente especial e bem determinado tal como um colégio, um hospital, um abrigo, tal diálogo sofre características especiais que não são estudados aqui.

As bases do diálogo

Conhecidos o homem moderno, o religioso moderno e a sociedade moderna, quais **são as bases necessárias para qualquer diálogo?** A resposta é bem clara:

1) Respeito da liberdade do homem. O diálogo da comunidade será à base de amor, de simpatia e não à base de censuras, de lamentações e de amargura. O homem desacralizado não gosta mais da piedade devocional de outrora! Não

usa mais um vocabulário piedoso de nossos avós! Os jovens não falam mais em "tradição" religiosa! O pensamento filosófico e teológico do ambiente, enquanto pensamento tem, parece ousado demais! Onde está o respeito ao Papa, aos Bispos!

É pena talvez, mas a realidade é assim. É a partir dessa realidade que nos parece desgostosa, horrível, que vamos dialogar, conscientizar, desenvolver e não a partir de nossas idéias bem equilibradas, seguras, sólidas e de doutrina certa. É a partir da confusão, da "bagunça" do barulho, da instabilidade do ambiente e não a partir de nossa torre de marfim onde tudo é bem arrumadinho que vamos iniciar e prolongar um verdadeiro diálogo. O diálogo da comunidade com o ambiente é uma aventura tremenda. Certo, mas a vida é assim...

Lembremos aqui a recente mensagem coletiva dos bispos do Regional Sul 3 às religiosas:

— Toda e qualquer atualização que não parte da caridade, que não se faça caridade e a ela não conduza, deve-se considerar-se como um fenômeno de decadência e não de renovação. O dinamismo do cristão não está em destruir, senão em transformar por dentro, segundo as expressivas imagens da semente, do fermento, do sal, da luz. Cristo não se colocou por fora das estruturas, mas por dentro. Toda mudança, no setor que nos preocupa, que se fizer sem um profundo respeito às pessoas e sem a prévia e provável adesão interna, não responde à vontade de Deus e, mais cedo ou mais tarde, levará a rupturas..."

2) Respeito do sentido comunitário do homem. Como as

palavras "liberdade, igualdade, fraternidade" soavam mal nos ouvidos dos aristocratas da restauração francesa, no início do século XIX; como nosso lema brasileiro "Ordem e Progresso" não foi bem aceito durante muito tempo, pelos católicos, por causa da sua origem positivista e francesa, assim hoje, as palavras "socialismo, socialização, comunitarismo" soam muito mal aos ouvidos daqueles que recebem uma formação clássica tradicional. Todavia o Concílio Vaticano II na "Gaudium et Spes" Cap. II n.º 25, ensina o seguinte:

— Entre os laços sociais necessários para o desenvolvimento do homem, alguns como a família, a sociedade política etc. correspondem mais imediatamente à sua natureza íntima; outros são antes, fruto da sua livre vontade. No nosso tempo, devido a várias causas, as relações e interdependências multiplicam-se cada vez mais; o que dá origem a diversas associações e instituições, quer públicas, quer privadas. Este fato denominado socialização, embora não esteja isento de perigos, traz todavia consigo muitas vantagens, em ordem confirmar e desenvolver as qualidades da pessoa humana e a proteger os seus direitos."

Uma pergunta

Com essas bases, para onde vai a comunidade religiosa dialogando com o ambiente? Ninguém ainda sabe, porque raras são as pessoas bem preparadas para tal experiência, e raros os grupos sociais mais ou menos prontos para uma convivência fraterna com uma comunidade religiosa. Sobretudo, muitos agarram-se a um estilo de vida

como o afogado à sua bóia. Isso é nossa limitação humana, nossa fraqueza, nossa falta de grandeza. Somos homens comuns. Não somos gênios.

Todavia podemos colocar algumas balizas certas para acompanhar nossa caminhada: são nossa Fé, nossa Esperança, nossa Caridade. Quando Pedro e seus companheiros deixaram suas rêdes e suas barcas, não sabiam para onde iriam. Quando João XXIII convocou o Concílio não sabia como seria o final. Quando, hoje, um rapaz entra no seminário e uma môça no convento, não sabem como serão amanhã o padre e a religiosa. Sobretudo, neste mundo, tão organizado, onde tudo é calculado, previsto, planejado, sobra uma faixa bem ampla para os aventureiros, os pioneiros, os desbravadores, os bandeirantes do Senhor: o mistério das almas vivificadas pelo sangue redentor do Cristo. O Espírito sopra onde quer.

Como dizia João XXIII, o Concílio foi um sinal duma nova primavera para a vida da Igreja. Apesar do pessimismo desses últimos anos, apesar dos perigos reais, dos desvios, das distorções de doutrina e do modo de viver cristão, apesar da falta de equilíbrio e de sabedoria de alguns pensadores católicos e protestantes apesar da loucura de alguns jovens religiosos e leigos, como também de alguns sacerdotes, apesar de tudo, podemos e devemos entrar no jogo. Todos e mormente aqueles que têm responsabilidade eclesial ou religiosa devem ter um lema: Para frente. Quem tem medo da verdade?

Dom José Cornelis



Diálogo

Como ninguém pode arrogar-se a ousadia de possuir as linhas exatas para a solução dos novos problemas, só o diálogo em diferentes níveis, pode levar a soluções viáveis.

IGREJA NO MUNDO



CARDEAL CÂMARA MORREU

O Rio de Janeiro perdeu o seu pastor, Dom Jaime de Barros Câmara, no dia 18 de fevereiro. Em mais de 25 anos à frente da Igreja nesta cidade, consagrou-se no respeito e no amor aos fiéis pelas suas virtudes, pela austeridade exemplar, pela incansável devoção ao trabalho, pela inteligência e pela cultu-

ra. Durante anos difíceis da história brasileira contemporânea, na arquidiocese de maior projeção, sua prudência e seu discernimento permitiram colocá-lo acima das paixões, dos tumultos, dos desentendimentos. Sua voz autorizada foi sempre uma importante influência moderada. Seu feitio reservado e severo pode ter feito com que fôsse incompreendido de muitos. Mas quem o conheceu fará justiça às qualidades deste extraordinário sacerdote.

ORIENTAÇÃO DO EPISCOPADO CHILENO AOS SACERDOTES E RELIGIOSOS

(AOS CONSELHOS PRESBITERAIS
E AOS SUPERIORES DAS
CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS)

Nós, os Bispos do Chile, fizemos uma declaração que procura interpretar a situação do país à luz do Evangelho. Queremos comunicar-nos com todos os sacerdotes do país através dos Conselhos Presbiterais e dos Superiores das Congregações Religiosas.

A. Vivemos num tempo novo, com um conjunto de realidades complexas, que exige uma séria reflexão teológica. Para exemplificar:

- A Igreja e o Mundo.
- O sacerdote e a realidade temporal.
- Marxismo e cristianismo.
- Eclesiologia da Ordem e Exercício da Autoridade.
- Pastoral e Processo de secularização.
- Caridade e Revolução etc.

Pedimos a colaboração para enfrentar este tempo novo e refletirmos juntos sobre estas realidades complexas. Esperamos trabalhar com os senhores e com todo o povo de Deus, com seriedade, na clarificação destes delicados assuntos.

B. Consideramos de importância peculiar continuar na linha pastoral da evangelização, da criação e desenvolvimento de comunidades de base e na formação das pessoas. Esta é a linha do Vaticano II, de Medellín, dos Sínodos Diocesanos e das Orientações Pastorais de Chillán, La Serena e Concepción.

C. Queremos precisar a linha de pastoral do Chile na relação sacerdotes e política de partidos.

a) Autorizando uma discussão doutrinal mais profunda e atual, mantemos a prudente determinação de pastores da Igreja neste sentido: No Chile o sacerdote não deve atuar na política de partidos. Cremos que nos incumbe como sucessores dos apóstolos dar uma orientação concreta neste sentido e é esta a nossa determinação. Esta orientação pastoral está baseada em duas razões que nos preocupam:

1. Na realidade politizada do país, dentro de um clima de tentação do temporal, pensamos, como nos diz Medellín, que "na ordem econômica e social e,

principalmente na ordem política, onde se apresentam diversas opções concretas, não incumbe diretamente ao sacerdote, como tal, a decisão, nem a liderança, nem tampouco a estruturação das soluções". (M. 11, 19)

2. Na atual crise da comunidade cristã como tal, esta situação exige dos sacerdotes, portadores do "ministério da comunidade", uma dedicação plena para a construção da unidade na caridade, que ultrapasse tantas tensões atuais. Esta é uma tarefa urgente e indispensável para a pastoral de nosso povo, e é justamente a nós, Bispos e Presbíteros, que cabe realizá-la por mandato do Senhor.

b) Solicitamos aos sacerdotes de outros países que nos acompanham com tanta abnegação, uma especial delicadeza e respeito para não emitir opiniões acerca da política de partidos. Não nos parece adequado que pessoas, nem sempre conhecedoras da tradição e da idiosincrasia do país, emitam juízos ou opiniões, sem uma convivência profunda e prolongada com o nosso povo.

Na pastoral, como na vida política dos povos, deve-se evitar toda intervenção artificial e estranha que desvie o seu desenvolvimento homogêneo. O espírito missionário, tão característico da vocação

cristã, implica, antes de tudo, saber encarnar-se plenamente na realidade e mentalidade do povo a que serve, sem querer impor cultura ou critérios estrangeiros. (Cf. Decreto Ad Gentes).

c) Convém pensar nos perigos de um neo-clericalismo, numa politização mal-entendida.

d) Estas orientações são também dirigidas a quem se prepara ao sacerdócio, aos religiosos, às pessoas dedicadas à pastoral.

D. Constatamos a necessidade de intensificar a vida de oração. Pedimos, portanto, um esforço especial neste sentido. Oxalá todos os cristãos compreendam e pratiquem o valor da oração e a necessidade de unir-se a Deus profundamente.

E. Recomendamos o mandato de Cristo de permanecer na unidade. Unidade, em primeiro lugar, do clero entre si e com a hierarquia. Não é por vazio alarde pessoal, mas por obediência ao Senhor, que afirmamos com Santo Inácio de Antioquia: A Igreja está no Bispo.

Cordialmente no Senhor
Punta de Tralca, 24 de setembro de 1970
OS BISPOS DO CHILE

PASTORAL NA AMAZÔNIA

Condensações das conclusões finais da reunião do Episcopado da Amazônia Ocidental, CNBB NORTE I. A importância crescente da Amazônia no cenário político nacional é motivo também para um despertar extraordinário da Igreja naquela região. Para equacionar os problemas e apontar linhas concretas de ação, o Episcopado esteve reunido de 4 a 8 de novembro de

1968 em Manaus. Nesta mesma data foi votada a criação do Instituto de Pastoral da Amazônia, cujo funcionamento teve início no mês de março. Diante deste evento, realmente extraordinário, para toda a Igreja da Amazônia as resoluções de 68 adquirem nova dimensão e atualidade, pois nesta mesma data foi decidida a criação do Instituto.

Justiça e paz

1. Precisamos de uma visão da Justiça e da Paz, de dimensões mais amplas e comum aos processos de desenvolvimento sócio-econômico e aos processos de evangelização e de pastoral.

2. A tônica de nossa atuação há de ser na linha da promoção do homem, enfatizando, porém, as bases teológicas deste compromisso além dos princípios da ciência humana. Isso implica: a) Numa formação comunitária de todos os homens para cuja formação teremos o privilégio e a oportunidade de contribuir. b) Em dar prioridade a todos os programas de desenvolvimento da comunidade de base. c) Em incentivar toda sorte de associativismo. d) Em recomendar às escolas católicas que em seus currículos dêem a devida importância à formação social preparando seus alunos para serem agentes de Justiça e de Paz, agentes de promoção nas suas comunidades.



3. Na Amazônia as áreas são imensas e esparsamente habitadas. Exigem o aproveitamento máximo dos meios de comunicação social para atingir e unir o seu povo. Daí nosso compromisso: a) Em aproveitar da radiofusão para pastoral e para a educação de base. b) Em apoiar todo trabalho que vise aumentar, melhorar e tornar eficiente as emissoras educativas.

4. Recomendamos a organização de comissões estaduais e municipais de Justiça e Paz como pontos de encontro de todos os homens de boa vontade.

Catequese e liturgia

1. As catequistas precisam ser mantidas em regime de tempo integral de serviço. Para isso, criar fundos de manutenção, solicitando

a cooperação do Secretariado Nacional da Atividade Missionária e do Serviço de Cooperação Apostólica Internacional.

2. As catequistas precisam ser formadas também para formar em outras atividades: para animadores locais, para as técnicas de educação comunitária, para as técnicas de liderança.

4. O episcopado sente, com referência à liturgia, a necessidade de maior autoridade para adaptar a liturgia às circunstâncias locais.

Sacerdotes & Colegialidade

No campo das relações dos bispos entre si e com o clero, eles revelaram estas posições:

1. Cursos de atualização para o episcopado com vistas a uma

pastoral verdadeiramente de conjunto, nos moldes idealizados pelo Concílio Vaticano II e pela Assembleia de Medellín. Nestes cursos dar prioridade às técnicas de trabalho em grupo, às técnicas descobertas pelas ciências do comportamento, aos métodos de planejamento aplicados à pastoral.

2. Organização de um Departamento Regional de Desenvolvimento com coordenadores de Saúde e Educação, preocupado principalmente com programas de capacitação de pessoal.

3. Organização de Conselhos Presbiterais, Pastorais, Paroquiais; estruturação do Conselho Presbiterial Regional, após as conclusões da consulta ampla a ser feita ao clero pelo Secretariado Nacional do Ministério Hierárquico.

ENSINO & EDUCAÇÃO

O ensino superior deve ser gratuito?

O problema universitário brasileiro, um debate descontinuo. O IPE (Instituto de Pesquisa Econômica) fez uma pesquisa sobre o ensino superior no Estado de São Paulo que, sendo a mais importante e desenvolvida área do país, dá uma visão valiosa do problema universitário brasileiro.

Primeira verificação: A qualidade do ensino e o preparo dos alunos não habilitam profissionalmente os que se formam. Isto significa ter diploma, ter conhecimentos livrescos e não estar inserido na realidade econômica e social.

Segunda verificação: O professor continua sendo remunerado por aula. Ora, quem ganha por aula faz, ação transitória de presença. Não vive na escola. Não convive com os alunos. Nas escolas particulares apenas 5% dos professores dão tempo integral; nas públicas, 50%. Em 1940, um décimo das universidades paulistas funcionava no interior; em 1968, o número estava dividido entre o interior e a capital. De 1940 a 1968, o número de escolas particulares aumentou de 1.200%; e as públicas, 580%.

Terceira verificação: O ensino superior gratuito beneficia estudantes oriundos de famílias com recursos para custear seus estudos. Metade dos universitários paulistas vem da camada superior da sociedade; um terço pertence à camada média inferior. Um por cento é de filhos de operários especializados; 3,7%

provêm da alta burocracia e de grandes proprietários de indústrias e de terras.

E então, o ensino superior deve ser gratuito?

A estatística fornecida pelo IPE, num Seminário de Recursos Humanos, comprova a injustiça social do ensino superior gratuito. Ele representa o estrangulamento das oportunidades e o baixo nível de formação profissional.



PERSEGUIÇÃO AOS RELIGIOSOS E ÀS RELIGIOSAS NA TCHECOSLOVÁQUIA

A partir de 1950, com breve intervalo em 1968, mas particularmente depois de 1969, aumenta sempre mais a opressão contra os religiosos e as religiosas, na Tchecoslováquia. É uma verdadeira e autêntica perseguição. A par do desprezo da religião, em geral, e da Igreja Católica, em particular, as Ordens e Congregações religiosas são objeto de tamanha hostilidade que estão fadadas à completa extinção.

Entre os meios usados no início do regime comunista havia o confisco das propriedades dos religiosos. — 226 casas — e na noite de 13 para 14 de abril de 1950, a prisão de todos os religiosos conhecidos — 2.200 homens — sem nenhum processo, nem mesmo um processo simbólico.

Em agosto de 1950 foram postas em prática severas medidas contra as Congregações Femininas (mais de 10.000 irmãs). Apenas se livraram aquelas que trabalhavam em hospitais. Durante os anos, relativamente liberais do regime de Dubcek, estas irmãs começaram a aceitar candidatas, pela primeira vez em 18 anos e a desempenhar alguma atividade de catequese nas paróquias. O atual regime reacionário proibiu receber candidatas, mandou despedir as aceitas, reduziu as atividades e algumas comu-

nidades foram forçadas a trabalhar nos projetos agrícolas e industriais do Estado.

Aos religiosos sobreviventes — sacerdotes e irmãos — por 20 anos dispersos, aprisionados e privados de suas casas, foi proibido reunir-se em comunidade e aceitar candidatos.

Tudo isso, não obstante a declaração oficial do Procurador Geral da República da Tchecoslováquia, em 29 de novembro de 1968: **NENHUMA LEI DO PAÍS PROÍBE A EXISTÊNCIA OU A ATIVIDADE DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS.**

A respeito da perseguição da religião, em geral, é preciso observar que 8 das 13 dioceses são sedes vacantes e em duas das cinco restantes, os bispos têm 80 anos, porque é proibido a nomeação de novos bispos. Apenas dois dos 15 seminários diocesanos funcionam, mas as atividades dos professores e dos seminaristas são controladas por funcionários do Estado.

Apenas duas revistas católicas circulam, uma em língua tcheca; outra em língua eslovaca, mas sob rigoroso controle e censura do Estado.

Um oficial comunista do Estado é a suprema autoridade para todos os negócios eclesiais, dispondo não somente das nomeações e transferências dos párocos e capelães, mas ainda tomando decisões na vida e nas atividades de cada um. Sem permissão do Estado é ilícito a celebração do sacrifício da Missa, mesmo em particular, como ainda, pregar o evangelho, administrar os sacramentos. Mesmo com autorização, estas funções só podem se realizar na paróquia. Fo-

ra, é um delito. É uma contravenção administrar os sacramentos aos moribundos.

A instrução religiosa só é permitida nas escolas inferiores. Pais e filhos que se aproveitam desta possibilidade e desta iniciativa correm o risco de serem incriminados.

O livre exercício do culto está proibido já faz 20 anos, com ameaça da perda do emprego. Há uma pressão peculiar sobre mestres e mestras para torná-los ateus.

Anteriormente houve uma tentativa fracassada, e que no momento se procura reativar, com o fito de criar uma divisão entre os sacerdotes e a hierarquia, com o Movimento do Clero Pela Paz. Alguns membros do clero se comprometeram com esta iniciativa.

A Igreja de Rito Oriental, suprimida há 20 anos, foi legalmente restaurada a 13 de junho de 1968. Agora está novamente ameaçada. A Santa Sé e o Santo Padre são continuamente insultados.

Em síntese

Por vinte anos, os direitos fundamentais e naturais do homem foram negados ao povo tcheco-eslovaco. Em 1969, a hostilidade contra a religião, em geral, e contra a religião católica, em particular, levemente reduzida no período Dubcek, foi reacendida. É evidente que esta inflexibilidade levará à extinção das Ordens Religiosas e das Congregações. Aos religiosos o Governo nega permissão para viver em comunidade; proíbe aceitar e educar novos candidatos. Com a inatividade de muitos religiosos e com a morte dos remanescentes que vivem individualmente, a vida religiosa cessará.

NÓVO MÉTODO MISSIONÁRIO: CONVIVER

Recebemos do frei M. J. Caron, missionário dominicano, que há cinco anos mora numa aldeia de índios Xikrin, às margens do rio

Caitité, no Estado do Pará, estas notas, que nos parecem de interesse, por causa do novo método missionário, que preconiza.



**IGREJA
NO MUNDO**

"Existem ainda hoje muitas missões de tipo tradicional. Perto de uma aldeia indígena constroem-se um convento, uma igreja, com suas dependências. Compram-se aparelhagem: tratores, barcos, turbinas. Compram-se animais, rebanhos. Cultiva-se o terreno e exploram-se as propriedades com a mão-de-obra dos indígenas. Estes serão os primeiros a retirarem benefícios desta situação. Quando os recursos do território são poucos, como acontece freqüentemente, estes indígenas não têm outro meio de subsistir, pois a aculturação cria necessidades novas. Os indígenas podem então ser totalmente absorvidos pela Missão, como era o caso nas "reduções" dos jesuítas do Paraguai. Neste caso, eles perdem sua cultura própria, mas recebem uma outra para substituí-la. A aldeia indígena pode, em outros casos subsistir junto à Missão e os índios podem conservar sua própria cultura e seu modo de vida tradicional. Mas é quase de regra que os filhos sejam subtraídos à tutela dos pais e educados em internato, na Missão, até a idade do casamento. Quando a Missão e a aldeia são contíguas, não há graves inconvenientes, pois as crianças não são totalmente separadas de seus pais e geralmente participam também da vida e das festas do grupo indígena.

Esta fórmula tem alguns méritos e seria injusto condená-la em bloco e sem apêlo, levando em conta que ela pode ser melhorada, em particular pela supressão do internato que retira as crianças do convívio de seus educadores naturais que são os pais. Este método chega rà-

pidamente à "sacramentalização" e à constituição de uma comunidade cristã de tipo ocidental. Isto comporta certos riscos. Seu inconveniente principal é que ele é de tipo feudal e paternalista. Não realiza, geralmente, a promoção do índio. A dependência deste com relação à Missão é tal que, se, por um motivo ou outro, a Missão desaparecesse, terminar-se-ia também a experiência de aculturação indígena.

Pode-se pois conceber e existe de fato um outro tipo de missão. Neste método, é o missionário que se torna indígena com os indígenas. Ao invés de atraí-los à civilização ocidental, ele assume o modo de viver dos índios e adota os seus costumes. É mais simples e mais evangélico. O missionário procura aprender a língua dos índios, participa, o mais possível, da vida da aldeia respeita sua organização social sua cultura e protege todos os valores positivos da tribo.

A dualidade: Missão-Aldeia desaparece. É a aldeia indígena que se torna Missão e são os próprios índios e cuidar que a aculturação de seus territórios servindo-se de instrumentos que o missionário poderá obter dos poderes públicos ou de outros. O missionário deverá respeitar o ritmo do trabalho dos índios e cuidar que a aculturação inevitável seja lenta e progressiva. Deve considerar-se como um irmão mais evoluído, que, pertencendo aos dois mundos, pode servir de intermediário para as questões econômicas e de mediador em Jesus Cristo entre seus irmãos adotivos e Deus, muito antes de iniciar uma catequese propriamente dita. À pri-

meira vista, poder-se-ia pensar que este método em nada difere de uma ação social e que o missionário perde seu tempo. Mas isto é uma opinião superficial. Trata-se de fato de Missão e de evangelização, mas em uma perspectiva nova.

Uma frase do P. Y. Congar resume bem esta maneira de entender a missão: "Há um valor místico absoluto da Missão independente de seus resultados, tais como podemos apreciá-los. Este método encarna a lógica de assumir a miséria para vencê-la, método praticado pelo próprio Jesus, Sabedoria de Deus". (Em: *A mes frères*, Ed. Cerf, Col. Foi vivante, p. 146).

Este método está sendo vivido por outros missionários ilustres na Índia, no Vietname, na África e na Oceania. É o verdadeiro método missionário do futuro. Um exemplo insigne (em outro campo) desse método é a ação do famoso Padre Serge de Beaurecueil, dominicano, que, há vários anos trabalha no Afeganistão. Sendo absolutamente proibido nesse país fazer qualquer propaganda estrangeira e sobretudo religiosa, o Pe. de Beaurecueil leciona num ginásio de Kabul e "convive" com os jovens afgãos, não usando outro método de influência senão esta simples convivência. Dois belos livros desse missionário descrevem a sua vida e seu trabalho: "Dividimos o pão e o sal", "Sacerdote dos não-cristãos" (Paris, Ed. Cerf, 1965, 1968). Frei M. J. Caron segue esta escola, convivendo simplesmente com uma das últimas tribos indígenas do Brasil: os Xikrins, de raça Kaiapó, do grupo Gê, que são apenas 125 pessoas.

SÍNTESE DA ASSEMBLÉIA REGIONAL DE SUPERIORES MAIORES EM SÃO PAULO — 16/18-11-1970

Realizou-se nos dias 16, 17 e 18 de novembro, em Itaici, a Assembléia Regional de Superiores Maiores do Estado de São Paulo, com a presença de 110 participantes padres, irmãos e madres provinciais, coordenadoras das atividades das religiosas, representantes

de outras regionais e membros da Diretoria Nacional.

O tema da Assembléia foi **TEOLOGIA DA VIDA RELIGIOSA**, partindo do seu aspecto Bíblico-Teológico (estudo apresentado pelo Pe. João Evangelista Terra, S.J.) passando para o aspecto antropo-

lógico, numa análise da Vida Religiosa concretizada na vida humana (tema desenvolvido pelo Pe. João Amazonas MacDowell, S.J.), chegando à expressão concreta da Vida Religiosa como ela deve ser vivida hoje (estudo orientado pelo Pe. Alcuíno Derks, A.A.).

1. Partindo da noção bíblica do termo "discípulo de Cristo", e analisando o sentido dos textos originais do Evangelho, pode-se considerá-lo como um elemento bíblico no qual se fundamenta a Vida Religiosa. Embora nos textos atuais do N.T. referentes à situação Pascal da Igreja, o termo "discípulo" seja generalizado, vindo a significar a adesão a Cristo na fé e atitude de disponibilidade, encontram-se elementos que caracterizam a Vida Religiosa como seguimento de Cristo:

a) renúncia a certos bens terrenos, no sentido de libertação e disponibilidade para maior serviço ao Reino de Deus;

b) elementos carismáticos de resposta a um chamado especial, no sentido de maior configuração com Cristo na sua entrega ao Pai;

c) radicalização dos valores cristãos, como constante na Vida Religiosa;

d) modo de vida comunitária em vista a um testemunho permanente da fé.

2. Traduzindo esta realidade bíblica em termos de vida e realização humana, o aspecto antropológico focalizou o problema da Vida Religiosa, enquanto a valores humanos essenciais, colocando em questão a própria realização da pessoa humana. A solução só pode estar, e unicamente, numa experiência de comunhão, através de um relacionamento imediato com Deus, de um relacionamento universal com o outro e com as coisas, na qual a pessoa recupera os valores sacrificados, de um modo novo, realizando-se mais intensamente.

3. Para que esta experiência de comunhão se concretize na Vida Religiosa, o aspecto de como ela deve ser expressa hoje veio completar o estudo nas seguintes proposições:

a) a reflexão teológica inclina-se mais sobre o "homem religioso" do que sobre a instituição religiosa;

b) uma volta corajosa às fontes dos institutos pode ensinar quais ou qual é a forma atual mais indi-

cada para suprir as necessidades da Igreja;

c) a autêntica renovação da Vida Religiosa não consiste em primeiro lugar na mudança das estruturas, mas numa análise da situação do homem-religioso no mundo secularizado;

d) por fidelidade à nossa vocação religiosa, rever por completo o sentido da vida comunitária, para que, partindo do seu verdadeiro sentido, possamos chegar à forma mais adequada de exprimi-la na vida concreta.

A coordenação geral dos trabalhos esteve a cargo do Pe. Luciano Mendes de Almeida, S.J. O clima que reinou durante a Assembleia foi dos mais calorosos e fraternos, pela profundidade e seriedade dos trabalhos, pela convivência amigável, pela expressão de vida manifesta nas celebrações eucarísticas e enfim pela atitude e espírito de colaboração e unidade expressa pela família religiosa constituída por todos os provinciais e seus colaboradores da Regional de São Paulo.

X REUNIÃO DA JUNTA DIRETIVA DA CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS

Nos dias 1-5 de fevereiro de 1971 teve lugar em Manágua, na Casa de Retiro Xavier, a X Reunião da Junta Diretiva da Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR). Participaram 37 representantes de 17 países da América Latina. A Diretoria da CLAR se reúne anualmente para analisar o funcionamento das diferentes Conferências de Religiosos e Religiosas na América Latina, seu entrosamento com o Episcopado e a maior dinamização destas mesmas organizações, com o fito de melhor promover a vida religiosa. Foi este o procedimento seguido nesta reunião. Além das conclusões que seguem abaixo,

após o relatório de cada grupo, constatou-se que as Conferências de Religiosos na América Latina estão adquirindo nova vitalidade, devido particularmente ao crescente entrosamento com as Conferências Episcopais e a maior união entre religiosos e religiosas numa mesma conferência. Particular atenção mereceu a notícia de que a Santa Sé está preparando um documento sobre a vida religiosa. Sobre isto a Diretoria se pronunciou como segue.

O próximo encontro ficou marcado para a Bolívia, no final de 1971.

CONCLUSÕES DO ENCONTRO

1. Os Vice-Presidentes são auxiliares do Presidente e colaboram solidariamente com ele em toda a problemática da Vida Religiosa na América Latina, atendendo, especialmente, o setor correspondente à sua própria condição religiosa (sacerdote, irmão, irmã).

Os Conselheiros Regionais devem ser os representantes das Conferências Nacionais junto à CLAR e da CLAR junto às Conferências.

Ambos devem procurar estar presentes aos encontros dos Religiosos de seus grupos de suas re-

giões, promovendo entre êles as atividades e serviços condizentes com os fins da CLAR.

2. **Peritos:** A CLAR deve contar com diversos peritos para colocá-los à disposição das Conferências Nacionais para colaborar nos cursos e estudos que se realizam, especialmente sobre a mesma vida religiosa.

3. As quotas das Conferências Nacionais à CLAR, para financiar as atividades ordinárias do Secretariado Geral, foram fixadas, proporcionalmente ao número de religiosos do país. Mais ou menos US\$ 0,10 por religioso.

4. RELIGIOSOS E RELIOSAS NA AMÉRICA LATINA

	Religiosos	Religiosas
Argentina	4.510	14.061
Bolívia	572	1.250
Brasil	11.524	41.998
Colômbia	4.226	20.780
Costa Rica	220	968
Cuba	—	—
Chile	2.343	4.924
Equador	1.564	4.145
El Salvador	369	818
Guatemala	650	800
Haiti	388	939
Honduras	116	282
México	5.000	30.000
Nicarágua	265	687
Panamá	249	410
Paraguai	429	563
Pôrto Rico	599	1.615
Peru	2.514	4.581
República Dominicana	486	1.068
Uruguai	693	1.562
Venezuela	1.706	4.110
	38.458	135.467

5. O Boletim CLAR precisa melhorar o seu conteúdo e a sua apresentação de modo que cumpra sua principal finalidade: servir de órgão de informação e de comunicação entre todas as Conferências Nacionais e entre todos os religiosos da América Latina. É preciso que êle chegue a todas as casas religiosas pelo interesse que deve despertar em todos.

6. Designa a Irmã Ângela Foligno, O.P. Tesoureira da CLAR.

7. Pede-se ao Presidente e ao Secretário Geral que intensifiquem sua presença nas Assembléias e em outros encontros dos Religiosos em Conferências Nacionais. Pede-se especialmente às Conferências Nacionais que comuniquem, com vários meses de antecedência, ao Secretário Geral, a data destas reuniões para possibilitar a programação.

8. A Junta Diretiva tomou conhecimento, com aplauso, das cordiais relações e contatos pessoais que o Presidente e o Secretário Geral da CLAR mantiveram com a Sagrada Congregação dos Religiosos e com seus prepostos: o Cardeal Hildebrando Antoniutti, o P. Heston, e outros membros daquele dicastério.

DOCUMENTO DA SANTA SÉ SOBRE VIDA RELIGIOSA

Especial importância atribui às conversações sobre o documento relativo à Vida Religiosa que a Sagrada Congregação prepara e a contribuição que a CLAR e as Conferências Nacionais dos Religiosos da América Latina pode oferecer. A Junta Diretiva vê com preocupação que, depois de tantos meses, não se tenha podido efetivar ainda esta contribuição. Recomenda encarecidamente ao Presidente e ao Secretário Geral que tomem todas as iniciativas necessárias para tornar presentes o pensamento e as experiências de vida religiosa de ... 180.000 religiosos, que vivem na América Latina, veiculados através da Conferência dos Religiosos de cada país e da CLAR.

Projetos:

9. Aprova os seguintes projetos que lhe foram submetidos e para cujo financiamento, providenciarão fundos, o Presidente e o Secretário.

1. Criação de um Departamento sócio-religioso no Secretariado Geral.
2. Estudo sobre a vida religiosa feminina na América Latina.
3. Estudo sobre religiosos e pastoral juvenil.
4. Estudo sobre teologia da vida religiosa.
5. Curso para Secretários de Conferências Centro-Americanas, com convites a outros países.
6. Estudo sobre a atitude dos religiosos frente à problemática sócio-política da América Latina.
7. Seminário para formadores(as).
8. Cursos de atualização teológica e pastoral para religiosos de meia idade, organizados por países ou regiões.
9. Cursos para formadores(as).
10. Estudos sobre religiosos e missões.
11. Publicação de um elenco de expressões atuais de teologia e pastoral; de bibliografia atual de teologia e pastoral; dos centros de estudo de especialização pastoral.

Todos êstes projetos irão se realizando na medida em que se obtém o financiamento, respeitando, porém, a ordem fixada.



ESTANTE DE LIVROS

CONSTRUINDO O BRASIL: EDUCAÇÃO MORAL, CÍVICA E POLÍTICA

por G. Galache, F. Zanuy e M. T. Pimentel, Ed. Loyola, São Paulo, 1970.

Não deixa de ser sugestivo o título deste livro. Os AA partem de uma valorização das riquezas do Brasil, impregnando tôdas as páginas de confiança e de sadio otimismo. Inspiram um grande desejo de aperfeiçoamento da própria personalidade e caráter, impelindo delicada e virilmente os alunos para a construção de um Brasil maior, mais humano e mais justo.

A pequena estória que os AA escolheram para a introdução indica a filosofia que norteia não somente os capítulos mas todo o livro. Um quebra-cabeça do mapa do mundo é dado a uma criança de seis anos. Como bom observador descobre uma figura humana no verso, e em poucos minutos termina a sua tarefa. Diante da surpresa do pai, Carlinhos retruca: "Papai, eu vi que atrás do mapa do mundo, estava a figura do homem; coloquei a cabeça, os braços, o tronco, as pernas, os pés e... assim... Construindo o homem... construí o mundo..." "É a tarefa imensa de construir o Brasil que se identifica com a não menos árdua de construir o homem brasileiro".

O Pe. Fernando de Bastos Ávila, coordenador da Pequena Enci-

clopédia de Moral e Civismo (MEC) escreve no prefácio de "Construindo o Brasil": "Um Brasil grande, um Brasil que ofereça ao mundo a riqueza de um modelo histórico absolutamente inédito, de um humanismo de amor e fraternidade sem discriminações, não se fará sem grandes virtudes morais, sem heroísmo cívico. Mas as virtudes e o heroísmo se ensinam em manuais? É aqui que reside todo o problema e é aqui que reside **todo o sentido e a originalidade deste livro de Moral e Civismo** que meus irmãos de ideal me convidaram a prefaciá-lo. ... As virtudes se vivem. E este livro ensina a viver... O livro provoca situações nas quais as virtudes morais e cívicas são vividas espontaneamente e reflexamente conscientizadas... Não é um manual a ser memorizado pelos alunos. Ninguém aprende a escrever à máquina decorando as regras de datilografia. É um livro para ser vivido e, antes de todos, pelos mestres..."

São cinco as partes do LIVRO. À introdução segue-se uma preparação pedagógica de "Como estudar em grupo", de grande utilidade para o encaminhamento de tal método de trabalho.

A 1.^a parte, em nove capítulos, dá uma **Visão Democrática do Homem**, iniciando-se com o estudo da PESSOA. Na 2.^a parte, a **Visão das Sociedades** é feita através de dez capítulos pedagogicamente ordenados. Apenas para citar um

detalhe: o capítulo 17 (p. 161) que se inicia com esta citação em destaque: "A primeira condição para descansar bem, é ter trabalhado bem" é precedido por quatro capítulos nos quais são sublinhados os valores da comunidade, do estudo, do trabalho e da profissão.

A 3.^a parte dá a **Visão do Brasil** numa complementação da formação do "cidadão". A comemoração das principais datas cívicas é uma seqüência na formação do "patriota" iniciada no curso primário.

A **VISÃO DE DEUS NO MUNDO** é o principal objetivo dos cinco capítulos da 4.^a parte. Complementando-se com a conclusão normal que é o **MUNDO UNIDO** que constitui a 5.^a e última parte: "a solidariedade internacional" e as "organizações internacionais".

Os próprios autores dizem: "Se pretendêssemos dizer o que mais vale deste livro, afirmariamos que é a última página de cada capítulo, na qual se sugerem debates e atividades" — Fica para nós a última sugestão do último capítulo: "Ler a **Populorum Progressio**".

Nilza Reis

GUIA DA ASSEMBLÉIA CRISTÃ, 8 volumes.

Thierry Maertens e Jean Frisque, 1969-1971

Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, RJ

*UM ESTUDO SÉRIO DE TODOS OS TEXTOS
PARA OS DOMINGOS E DIAS DA SEMANA*

De um tempo para cá
a Liturgia está valorizando a Palavra.
O Vaticano II fala da "mesa da Palavra"
e da "mesa do Corpo do Senhor".
O cristão se alimenta de duas mesas.
Não somente do pão eucarístico, mas também
do pão da Palavra de Deus. Importante que o cristão
possa escutar e compreender a palavra da Salvação
que se encontra consignada por escrito nos livros
do Antigo e Novo Testamento e é proclamada
na Liturgia. Todos nos regozijamos
com o aparecimento do novo ordinário das lições
para a Missa. Podemos entrar em contato
com inúmeros trechos ricos da Escritura
que, raras vezes, tínhamos ocasião de ouvir.
Mais importante que a audição da Palavra de Deus
é a sua compreensão e a sua aplicação à vida.
O **"GUIA DA ASSEMBLÉIA CRISTÃ"** é um excelente
instrumento que a Editôra Vozes oferece
para a compreensão desta Palavra de Deus. Trata-se
de um trabalho de fôlego de dois nomes
internacionalmente conhecidos. Os AA apresentam
um estudo sério de todos os textos para os
domingos e dias da semana. A obra está assim
estruturada: enunciado o texto para a leitura,
é feito um **comentário exegético** do mesmo e, para
os domingos, são propostos **temas doutrinários**
decorrentes das mesmas leituras.
O estudo da exegese, embora não constitua ainda
uma possível pregação, é um trabalho prévio
indispensável. Por esta razão os autores fornecem
indicações exegéticas baseadas em recentes estudos
de peritos. Importantíssima é a parte destinada
à doutrina. O padre que deve fazer a homilia
poderá lá encontrar, em geral, dois temas importantes
que decorrem do texto escolhido para o domingo
ou para a festa, fonte inesgotável de elementos
para uma rica e substancial meditação.

DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, 5 volumes.

Conceitos Fundamentais da Teologia Atual, 1970.

Edições Loyola — Rua Vergueiro, 165 — São Paulo, SP

“Este livro não tem necessidade de apresentação. Vale por si mesmo”, Yves de Congar.

Pela concepção e estrutura, o Dicionário de Teologia pode ser considerado perfeitamente como uma summa teológica. Os temas básicos tratados são um resumo de tudo o que é essencial em teologia.

Quanto se interessam pela Religião e pelo Cristianismo e quanto se esforçam por iluminar a consciência cristã de nosso tempo com a reflexão teológica atual, acharão na presente obra, com seus bem elaborados estudos e brilhantes sínteses, numerosos elementos para um aprofundamento da própria fé e para um válido enriquecimento existencial e vital.

A Sagrada Escritura, a Tradição e a Teologia contribuem para iluminar os temas fundamentais do pensamento cristão de todos os tempos. O caráter monográfico, sintético e especializado na escolha e elaboração dos temas, constitui o valor específico e positivo desta obra.

Mais de cem teólogos católicos ajudaram neste esforço de sistematização teológica cristã, evitando as polêmicas estéreis das “escolas” e abrindo-se amplamente para as grandes tradições doutrinárias católicas e ecumênicas, em ordem a enfrentar mais enérgicamente os grandes problemas levantados pela crítica histórico-literária, pela filosofia moderna e pela cultura secular de nosso tempo.

Particularmente será de interesse para os numerosos Institutos de Teologia e Pastoral, pois a presente obra realiza felizmente a síntese entre a dimensão bíblica e a sistematização teológica, crítica histórica, abertura ecumênica, atenção existencial e preocupação pastoral. Nomes como **Alfaro, Chenu, Congar, Fries, Küng, Marlé, Metz, Pieper, Rahner, Ratzinger, Semmelroth, Tresmontant, Lotz** e outros grandes teólogos, são o suficiente para compreender o gabarito da obra que Edições Loyola entrega ao público brasileiro.

“Temos pois na presente obra — tomando as palavras do coordenador da edição brasileira, Pe. Félix Pastor, SJ — uma excelente expressão de quanto existe de mais válido na teologia católica atual. E a teologia, como a arte, a filosofia ou a ciência, mesmo quando não chegar a produzir documentos comparáveis aos que o passado nos legou, contudo pode dizer-nos algumas coisas que os antigos não pensaram e que nos ajudam singularmente a realizar autenticamente nossa vocação cristã no “kairos” histórico-salutar que vivemos.

Tal situação condiciona poderosamente a reflexão teológica de nosso tempo, explicitação da “diaconia” que a Igreja deve ao mundo, por ser — enquanto sacramento de Cristo e comunidade de salvação — a presença do Evangelho no mundo, a epifania do amor de Deus e a acusadora profética da injustiça estabelecida.”